

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS – CAMPUS XXIII
BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO EM
MULTIMEIOS

DIOSVALDO PEREIRA NOVAIS FILHO

CONVERGÊNCIA PARA QUEM?
GARIMPANDO AS CONEXÕES E AS REDES EM UMA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DA CHAPADA DIAMANTINA

SEABRA

2018

DIOSVALDO PEREIRA NOVAIS FILHO

CONVERGÊNCIA PARA QUEM?

**GARIMPANDO AS CONEXÕES E AS REDES EM UMA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DA CHAPADA DIAMANTINA**

Monografia apresentada a Universidade do Estado da Bahia, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo em Multimeios.

SEABRA

2018

DIOSVALDO PEREIRA NOVAIS FILHO

CONVERGÊNCIA PARA QUEM?

**GARIMPANDO AS CONEXÕES E AS REDES EM UMA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DA CHAPADA DIAMANTINA**

Monografia apresentada a Universidade do Estado da Bahia, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo em Multimeios.

DIOSVALDO PEREIRA NOVAIS FILHO

Aprovado em Seabra/BA. ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Gislene Moreira Gomes, Doutora em Ciências Sociais e Política pela Flacso/México
(Orientadora – Universidade do Estado da Bahia – UNEB)

Maria Medrado Nascimento, Doutora em Ciências Sociais pela UFBA
(Membro 1 – Instituto Federal da Bahia – IFBA)

Soraya Ferreira Martins, Mestre em Liderança em Conservação pela Colorado State University - USA
(Membro 2 – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio)

Rafael Oliveira Carvalho, Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA
(Membro 3 – Universidade do Estado da Bahia – UNEB)

AGRADECIMENTOS

A Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e ao Programa de Iniciação Científica (PICIN/UNEB), por possibilitar meu ingresso a pesquisa científica, através do amparo acadêmico e financeiro.

A professora Doutora Gislene Moreira Gomes, um agradecimento mais que especial, pela parceria, orientações, discussões e por ter acreditado no meu potencial. Agradeço sobretudo, por ter marcado presença em toda minha passagem pela academia.

Agradeço ao Garimpando Redes, nosso grupo de discussão. Obrigado por toda ajuda e pelo apoio nas horas difíceis.

A Jhon Macário, pela paciência, contribuições e cobranças.

A Rose Caroline, por estar comigo na maioria das visitas de campo, por discutir incansavelmente os vários temas e teorias, por me fazer rir quando não tinha motivos, pela parceria ao longo do curso e pelas fotos.

Agradeço ao ICMBio.

Aos meus pais, Zenália e Diosvaldo e minhas irmãs Naiara, Naiane e Nádia, por todo amor e preocupação.

E, principalmente aos encantos e encantados da Fazenda Velha.

A Zenália e Burrego, amados pais.

CONVERGÊNCIA PARA QUEM?

GARIMPANDO AS CONEXÕES E AS REDES EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA CHAPADA DIAMANTINA

RESUMO

O trabalho apresenta as conexões digitais e as redes sociais de uma comunidade quilombola da Chapada Diamantina, que meio à convergência midiática e tecnológica e à (tentativa de) massificação da internet banda larga, busca estratégias para se manterem inseridos no mundo das nuvens. Ao construir um mapa da distribuição das redes de internet banda larga dos municípios de Andaraí, Iraquara, Lençóis, Palmeiras e Seabra, identificou-se que existem muitas localidades na periferia dos processos de nacionalização da internet. Assim, utilizou-se durante a pesquisa, as ferramentas metodológicas *Domo e Redoma*, as quais servirão para entender a distribuição da internet na região, levando em consideração o fator econômico e a quantidade de nós, e os traços culturais e identitários carregado pelos indivíduos que conseguem sair do *Domo*. O local de pesquisa é a comunidade tradicional remanescente de quilombola Fazenda Velha – localizada no município de Andaraí – que fica dentro de uma unidade de conservação ambiental restritiva, o Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD). O PNCD possui leis rigorosas que não permitem moradores em sua área. Há mais de 30 anos, a existência da Fazenda Velha é parte de conflito entre interesses ambientais e a identidade quilombola, e esta realidade se reflete diretamente na conectividade dos seus moradores. Para a construção da presente monografia, verificou-se bibliografias e conteúdo presente na rede mundial de computadores e na biblioteca Herberto Sales, em Andaraí, bem como as metodologias da oralidade, pesquisa diagnóstico e etnográficas, bem como a observação participante.

Palavras-Chave: Redes e Conexões; Convergência e Exclusão digital; Comunidade tradicional; Fazenda Velha; Chapada Diamantina.

CONVERGENCE FOR WHOM?

LOOKING FOR CONNECTIONS AND NETWORKS IN A QUILOMBOLA COMMUNITY OF CHAPADA DIAMANTINA

ABSTRACT:

This study presents the digital connections and social networks of a quilombola community of the Chapada Diamantina, which through media and technology convergence and the (broadband Internet) massification, are looking for strategies to keep in the cloud world. In constructing a map of the distribution of broadband internet networks in the municipalities of Andaraí, Iraquara, Lençóis, Palmeiras and Seabra, it has been identified that there are many localities on the periphery of internet nationalization processes. Thus, we used the methodological tools Domo and Redoma during the research, which will serve to understand the distribution of the Internet in the region, taken into account the economic factor and the number of nodes, and the cultural and identity traits carried by individuals who can get out of the Domo. The research site is the traditional remaining quilombola community Fazenda Velha - located in the municipality of Andaraí - which is located inside a restrictive environmental conservation unit, Chapada Diamantina National Park (PNCD). The PNCD has strict laws that do not allow residents in this area. For more than 30 years, the existence of Fazenda Velha is part of a conflict between environmental interests and quilombola identity, and this reality is directly reflected in the connectivity of these residents. For the construction of this monograph, we checked bibliographies and content present in the worldwide computer network and in the library Herberto Sales, in Andaraí, as well as the methodologies of orality, diagnostic research, participant and ethnographic.

Keywords: Networks and Connections; Convergence and Digital Exclusion; Traditional community; Fazenda Velha; Chapada Diamantina.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA – Área de Preservação Ambiental

ARIE's – Área de Relevante Interesse Ecológico

BNDES – Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social

CETIC.br – Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação

CODETUR – Coordenação de Desenvolvimento de Turismo

COELBA – Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia

CPT – Comissão Pastoral da Terra

DARPA – *Defense Advanced Research Projects Agency* – Agência de projetos de pesquisa avançada de defesa.

EGP – Enel Green Power

EPC – Economia Política da Comunicação

EPICC – Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura

FCP – Fundação Cultural Palmares

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Ibope – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MCTIC – Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

ONG – Organizações não governamentais

PIB – Produto Interno Bruto

PTDRSS – Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário do Território

PNBL – Plano Nacional de Banda Larga

PNCD – Parque Nacional da Chapada Diamantina

RTID – Relatório Técnico de Identificação e Delimitação

SEMA – Secretaria de Meio Ambiente do Estado da Bahia

SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza

TIC's – Tecnologias de Informação e Comunicação

UC – Unidade de Conservação

UIT – União Internacional das Telecomunicações

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

LISTA DE FIGURAS (FOTOS E GRÁFICOS)

FIGURA 1. DONA ELZA ENQUANTO “ARMAVA” A ARMADILHA PARA PESCA. (FOTO: PESQUISA DE CAMPO).....	20
FIGURA 2. JOSIVALDO, MORADOR DA COMUNIDADE, FALANDO PARA MEMBRO DO ICMBIO COMO SE SENTIA EM MEIO A SITUAÇÃO. (FOTO: PESQUISA DE CAMPO – ROSE CAROLINE)	24
FIGURA 3. SRº LAIN, MARIDO DE DONA ELZA, SINTONIZANDO A TELEVISÃO. (FOTO: PESQUISA DE CAMPO).....	28
FIGURA 4. INTERNAUTAS EM BILHÃO. FONTE: UNIÃO INTERNACIONAL DAS TELECOMUNICAÇÕES (UIT).....	47
FIGURA 5. DIGITAL IN 2018 REVELA AS ESTATÍSTICAS GLOBAIS DA INTERNET. FONTE: WE ARE SOCIAL E HOOTSUITE	47
FIGURA 6. FONTE: IBGE, DIRETORIA DE PESQUISAS, COORDENAÇÃO DE CONTAS NACIONAIS E DIRETORIA DE GEOCIÊNCIAS, COORDENAÇÃO DE GEOGRAFIA.....	49
FIGURA 7. MAPA MOSTRA AS REGIÕES COM INTERNET MAIS RÁPIDAS NO BRASIL (AS ÁREAS QUENTES REPRESENTAM AS ÁREAS MAIS VELOZ). FONTE: SITE MINHA CONEXÃO.....	50
FIGURA 8. NÚMERO DE HABITANTES EM CADA MUNICÍPIO PESQUISADO.	53
FIGURA 9. PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) PRODUZIDO POR CADA MUNICÍPIO NO ANO DE 2015.	53
FIGURA 10. PIB PER CAPITA DOS MUNICÍPIOS.....	54
FIGURA 11. PLANOS, PREÇOS E DISTRIBUIÇÃO DE INTERNET BANDA LARGA NAS SEDES DAS 5 CIDADES.	55
FIGURA 12. PLANOS, PREÇOS E DISTRIBUIÇÃO DE INTERNET BANDA LARGA NAS ZONAS RURAIS DOS MUNICÍPIOS.....	56
FIGURA 13. ORAÇÃO NO INÍCIO DA RODA DE JARÊ. (FOTO: PESQUISA DE CAMPO – ROSE CAROLINE)	63
FIGURA 14. APRESENTAÇÃO DE REISADO DA COMUNIDADE. (FOTO: PESQUISA DE CAMPO – ROSE CAROLINE)	64
FIGURA 15. PRINT SCREEN DE UMA DAS PUBLICAÇÕES DA PAGINA DO FACEBOOK, MOSTRA MUTIRÃO.	67
FIGURA 16. PRINT SCREEN DE UMA DAS PUBLICAÇÕES DA PAGINA DO FACEBOOK, MOSTRA PEDIDO POR DIREITOS BÁSICOS.	67

FIGURA 17. PRINT SCREEM DA PÁGINA DO FACEBOOK. O PEDIDO DE RESPEITO.	74
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. GARIMPANDO REDES E CONEXÕES NA COMUNIDADE QUILOMBOLA FAZENDA VELHA – ANDARAÍ, CHAPADA DIAMANTINA-BA.....	17
1.1.FAZENDA VELHA: APRESENTAÇÃO DO LUGAR DE ANÁLISE	17
1.2. A RELAÇÃO COM O PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DIAMANTINA	22
1.3. CONECTIVIDADE, INTERAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA FAZENDA VELHA ..	26
1.3.1 INTERNET: PARA QUÊ?	29
1.4. CONEXÕES, REDES E LAÇOS SOCIAIS: APROXIMANDO OS CONCEITOS DO MUNDO ONLINE PARA RELAÇÕES OFFLINE	31
2. DISTRIBUIÇÃO DE INTERNET, SOCIEDADES E DENSIDADE DE DOMOS A PARTIR DOS NÓS E OUTRAS COISAS: CONVERGÊNCIA E INCLUSÃO, PARA QUEM?.....	35
2.1. COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO NAS SOCIEDADES CONECTADAS E NAS SOCIEDADES DESCONECTADAS	35
2.2. CONVERGÊNCIA E INCLUSÃO: PARA QUEM?.....	38
2.3. O QUE É DOMO?.....	42
2.4. DISTRIBUIÇÃO DE BANDA LARGA: DO BRASIL À FAZENDA VELHA	46
2.4.1. DISTRIBUIÇÃO DE BANDA LARGA NA APA MARIMBUS/IRAQUARA ...	51
3. CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA E PRÁTICA: O QUE FALA A FAZENDA VELHA?	58
3.1. METODOLOGIAS, PEDRAS NO CAMINHO E A VOZ DA FAZENDA VELHA..	58
3.2. CLIPPING: A FAZENDA VELHA NA REDE MUNDIAL DE COMPUTADORES	64
3.3. ENTREVISTA EM FAMÍLIA	68
3.4. A SURPRESA DA ÚLTIMA VISITA.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72

REFERÊNCIAS	76
Anexo: Clipping com os links encontrados.....	79
Sites e contatos dos provedores:	80

INTRODUÇÃO

Desde 2014, quando ingressei a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), comecei a tomar gosto pelo vasto universo das pesquisas científicas. Sempre muito curioso nos estudos sobre cultura, regionalidades, tecnologias e fatos sociais, fui tentando criar uma linha lógica, que fizesse, a partir das minhas vivências, entender minimamente o mundo e suas múltiplas facetas. No ano de 2015, após cursar o primeiro semestre do curso de Jornalismo, o menino, filho de pai agricultor e mãe auxiliar de serviços gerais, que saiu do povoado Cisterna, do município de Souto Soares, passou por novos caminhos dentro da academia que o levou ir além dessas tradicionalidades. Foi nesse período que iniciei também alguns estudos sobre a realidade da Chapada Diamantina.

As novas trilhas, me levaram ao grupo de pesquisa e extensão *Cercado de Saberes: Comunicação e conservação ambiental no Vale do Cercado*, coordenado pela professora Doutora Gislene Moreira Gomes. Aqui, foi o ponta pé para que conseguisse o amparo teórico e prático para construção dessa monografia, e o amparo financeiro, pelo Programa de Iniciação Científica (PICIN) da UNEB, para que pudesse dar continuidade às pesquisas, que em meio às discussões sobre mídia local, educomunicação, métodos de análise/observação e técnicas para uma comunicação não violenta, estreei no tentar entender os conflitos existentes na região. Com o passar dos dias, formou-se o grupo de pesquisa Garimpando Redes¹, ao qual participo há pouco mais de um ano. Bem no início das discussões com o grupo, houve um convite, na pessoa da professora Gislene, para participar de reuniões², como mediador de conflitos.

Foi a partir dos convites a participar dessas reuniões que, no início de 2017, conheci a comunidade tradicional remanescente de quilombola Fazenda Velha, localidade que há 30 anos vive um conflito com Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD). As contendas mais comuns na região da Chapada Diamantina são por terra e água. Na Fazenda Velha, além desses, há também uma luta constante por acesso a direitos básicos, como água encanada, energia, educação, transporte etc. – decididamente barrados pela lei³ que regulamenta os parques brasileiros. Essa realidade, que já os torna excluídos dos processos básicos de modernização, se reflete também nos baixos ou inexistentes índices de conectividade da própria comunidade.

¹ O grupo de pesquisa é composto por 8 estudantes dos cursos de Jornalismo, Letras-Inglês, Letras-Português e Pedagogia e orientado/mediado pela professora Doutora em Ciências Sociais Gislene Moreira Gomes. Todos fazem parte do corpo universitário da UNEB-Campus XXIII-Seabra-BA.

² Reuniões com o Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD), ONG's, pastorais e associações comunitárias.

³ nº 84.017, de 21 de setembro de 1979.

Na primeira vez que fui⁴ à Fazenda Velha participar das reuniões de mediação de conflitos, estavam presentes os moradores locais, as representações do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), responsável pela administração do PNCD e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) de Ruy Barbosa. Foi nesta visita que além de identificar as problemáticas mencionadas, percebi também que a comunidade não possuía conexão via internet banda larga. Essa realidade remete ao Plano Nacional de Banda Larga (PNBL)⁵, que pretendia em 2014 universalizar a internet. Outro ponto que também merece a nossa atenção é acerca do acesso às redes de telefonia celular, aos quais só existiam em pontos estratégicos da comunidade (pontos mais altos e em cima das árvores). Assim, foi percebido que existem ainda muitos lugares na Chapada Diamantina, inclusive a Fazenda Velha, excluídos da realidade digital e/ou do processo de universalização da internet. E, a partir daí o presente estudo propõe entender o processo de exclusão digital e suas consequências, levando em consideração o questionamento: a (não) presença no mundo digital interfere algum aspecto nas relações e interações face a face? Outro ponto que a monografia tenta identificar são as estratégias que a comunidade utiliza para se manterem informados e/ou conectados.

Para isso, realizou-se algumas análises comparativas entre regiões que possuem índices maiores de conectividade, mapeando as redes de distribuição de banda larga em cinco municípios (Andaraí, Lençóis, Palmeiras, Iraquara, Mucugê e Seabra) que integram a Área de Proteção Ambiental Marimbus-Iraquara. Esse garimpo gerou mapas das redes de transmissão e distribuição de sinal de banda larga dentro da APA. Os dados coletados foram analisados a partir da ferramenta metodológica *Domo*. Esta ferramenta inspira-se nas leituras iniciantes do pensamento da Economia Política da Comunicação (EPC) e servirá para interpretar os traços culturais e identitários dos remanescentes de quilombola e a distribuição de internet banda larga na atualidade.

Por mais que o trabalho tenha algumas pesquisas e dados mundiais sobre acesso, fez-se alguns recortes para apresentar e aplicar os conceitos conexão e redes sociais (muito utilizados hoje nos estudos de redes sociais de interação online) nas relações sociais e interação offline ou face-a-face⁶. Os conceitos, por sua vez, aproximam-se das discussões sobre a globalização e/ou

⁴ Como representantes da Universidade estavam eu, Rose Caroline, Julia Larissa, Iago Aquino e a professora Gislene Moreira.

⁵ O Programa Nacional de Banda Larga (PNBL), instituído por meio do Decreto 7.175/2010, é uma política gerida pelo Ministério das Comunicações, durante a gestão Lula, que tem como objetivo fomentar e difundir o uso e o fornecimento de bens e serviços de tecnologias de informação e comunicação. A proposta do PNBL é massificar a oferta de banda larga no país e promover o crescimento da capacidade da infraestrutura de telecomunicações. Ver: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7175.htm. Acesso em 21/11/18.

⁶ Reconhecemos que a lógica é contrária. A grande maioria dos estudiosos das áreas de tecnologia, redes e conexões (nas análises de mídia social de interação online) reportam-se a todo o acúmulo das ciências sociais e

mundialização, distribuição das redes de internet banda larga nos municípios analisados e a exclusão/periferia ou esquecimento dos comunitários da Fazenda Velha diante a esses processos de convergência.

Para a construção do trabalho, utilizou-se diversas metodologias. Uma delas foi o garimpo de dados estatísticos sobre acesso e transmissão de banda larga nos municípios em estudo e a identificação de empresas de distribuição de internet. Nesse processo, garimpei 12 empreendimentos, seus respectivos planos de serviços e valores cobrados nas cinco cidades da APA-Marimbus. Depois disso, o próximo passo foi fazer visitas técnicas a comunidade da Fazenda Velha. A partir daqui o investigador passou a utilizar a observação participante e etnografia, vivenciando o dia a dia dos moradores, ouvindo suas histórias a fim de documentar todos os relatos, laços, redes e conexões, utilizando o diário de campo.

Outro procedimento utilizado foi a metodologia da oralidade, onde a partir dessa, ouvimos os moradores da Fazenda Velha, dessa vez realizando entrevistas gravadas. Neste processo foram entrevistadas as pessoas que estavam dispostas a relatar experiências, sua relação com a comunidade e com o PNCD, bem como seus modos de vida, aspectos da história do passado e suas mudanças na contemporaneidade. Essas entrevistas, em que ouvimos cerca de 20 pessoas, poderão servir futuramente como pesquisas documentais, como proposto por Thompson (1978). O objetivo principal da história oral é mostrar as narrativas da memória dos comunitários, escrevendo uma história com base nos próprios relatos, que poderão ser solicitados através do contato com o pesquisador. Porém, antes de tudo isso, fizemos uma grande pesquisa de fontes bibliográficas em acervos bibliotecários e também de conteúdos produzidos de/para e sobre a comunidade na rede mundial de computadores.

Quando pesquisei no *Google* as frases: *Fazenda Velha Chapada Diamantina; Comunidade Quilombola Fazenda Velha Chapada Diamantina; Comunidade Quilombola Fazenda Velha Andaraí; História da Comunidade Quilombola Fazenda Velha Andaraí-Ba*, encontrou-se 13 links⁷ os quais aparece ao menos uma vez o motivo da busca. Nesse processo identificou-se documentos que apontam o reconhecimento quilombola através da certificação da Fundação Cultural Palmares (FCP), reportagens, páginas contando um pouco da história da comunidade, galeria de fotos, artigo acadêmico, anuncio de compra e vendas, e uma fanpage no Facebook.

dos estudos culturais. Entretanto, para o trabalho se faz de maneira diferente. Utilizei os conceitos trabalhados pelos teóricos das tecnologias, cibercultura, análise de redes sociais de interação online, e tentando aplica-los no mundo offline, de interações sociais face a face.

⁷ Os links serão destrinchados durante o texto.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro, dedica-se a contextualizar o local de análise e o conflito que há entre a comunidade e o PNCD. Apresenta também as estratégias utilizadas pelos moradores para se manterem informados e como eles se comunicam com o mundo exterior ou outros *domos*. Além disso, faz um breve passeio no nascimento da internet e expõe conceitos (redes, conexões, interação social) muito utilizados nos estudos de análise de redes sociais de interação online, explicando como os mesmos estarão sendo usados nos exemplos de interação social face-a-face (ou lugares que estão na periferia do advento da internet e suas facetas). Assim, existe uma divisão entre sociedades conectadas e sociedades desconectadas que serão discutidas no capítulo seguinte.

Nesta segunda parte, o trabalho abordará as sociedades online, aquelas que estão conectadas a rede mundial de computadores, e as comunidades offline, desconectadas da realidade anterior. Com uma bagagem mais teórica, o texto traz diversas análises e estudos que mostram as consequências e as positivities da (não)presença na internet para esses dois tipos de sociedade e como é feita a distribuição de internet banda larga na região da APA – Marimbus Iraquara. Os membros (vezes entendidos como nó, nodos e pessoa) da sociedade, tratados como mercadoria, e a riqueza produzida por determinado local, são os pontos centrais para essa distribuição. Assim sendo, também utilizaremos a ferramenta metodológica *domo* para tentar entender fenômenos além da disponibilização da internet.

No último capítulo, destrinchamos as metodologias utilizadas durante a pesquisa e damos protagonismo aos “nós” que contribuíram para que esse trabalho pudesse ser realizado. As entrevistas, por sua vez gravadas, foram transcritas, analisadas e inseridas ao texto de forma que os próprios moradores⁸ contassem suas histórias, vivências e relação com o PNCD e com as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC’s). O investigador, neste último momento do trabalho media as vozes da Fazenda Velha com as teorias e conceitos apresentados.

⁸ Alguns moradores entrevistados pediram anonimato. Por essa razão, alguns estão com pseudônimos. Vale lembrar também que ao entrevistar crianças o investigador optou por manter também o pseudônimo.

1. GARIMPANDO REDES E CONEXÕES NA COMUNIDADE QUILOMBOLA FAZENDA VELHA – ANDARAÍ, CHAPADA DIAMANTINA-BA

1.1. FAZENDA VELHA: APRESENTAÇÃO DO LUGAR DE ANÁLISE

A Fazenda Velha está a 18 quilômetros da sede do município de Andaraí e se localiza na região das águas pretas, conhecida como Marimbus, às margens do Rio Santo Antônio, no nordeste do Parque Nacional da Chapada Diamantina. Além de estar dentro do PNCD, que é uma Unidade de Conservação Ambiental rigorosa, se encontra também nos limites da Área de Preservação Ambiental (APA) – Marimbus/Iraquara. Nesta região, se encontra um dos poucos reservatórios de Mata Atlântica conservada e protegida pelas Leis Federais e Estaduais⁹. Na comunidade, os conhecimentos tradicionais sobre as atividades pesqueiras, enchente e vazante do rio, bem como suas culturas, costumes e histórias dos seus antepassados são transmitidos oralmente, desse modo, essa tradição é o que fortalece os laços sociais dentro da rede local.

Os comunitários utilizam a enxada como ferramenta de trabalho e utilizam a fértil terra para o plantio dos mais variados gêneros alimentícios. *“Aqui a gente mistura tudo. Vamos lá no meio do mato buscar uns mangalô pra gente comer no almoço e já mostro ‘pra’ vocês como a gente planta as coisas”*, disse dona Elza, que mora há mais de 30 anos na Fazenda Velha. Ao chegar no local, a senhora mostrou a plantação de mandioca, milho, feijão, abóbora, banana, laranja, abacate, manga, caju, pinha, jaca, o próprio mangalô e algumas plantas medicinais. Tudo num mesmo espaço. Um exemplo de agricultura familiar que nos lembra bastante os modelos sustentáveis e orgânicos contemporâneos, os sistemas agroflorestais¹⁰.

A maioria dos moradores locais são bem receptivos e têm uma boa relação com suas memórias e aventuras. Alguns relatam que gostam de se ver e de se identificar na história e nas tradições deixadas pelos seus ancestrais e encantados. Sua história e suas origens estão ligadas a identidade quilombola – termo originalmente utilizado no Brasil para designar grupo de

9 Decreto nº 91.655 (de 17 de setembro de 1985, cria o Parque Nacional da Chapada da Diamantina.), Decreto-Lei nº 84.017 (de 21 de setembro de 1979 Aprova o Regulamento dos Parques Nacionais Brasileiros.) e Decreto Estadual nº 2.216 (de 14 de junho de 1993 Cria a Área de Proteção Ambiental Marimbus/Iraquara, nos Municípios de Lençóis, Iraquara, Palmeiras e Seabra, e dá outras providências.).

¹⁰ A Agrofloresta é um sistema de produção que imita o que a natureza faz normalmente, com o solo sempre coberto pela vegetação, muitos tipos de plantas juntas, umas ajudando as outras, sem problemas com “pragas” ou “doenças”, dispensando o uso de venenos. Nos Sistemas Agroflorestais, encontramos uma mistura de culturas anuais, árvores perenes e frutíferas e leguminosas, além de criação de animais e a própria família de agricultores, em uma mesma área. (CJ, CLAUDIO, online, 2016). Disponível em: https://ipoema.org.br/2016/12/23/conceitos-de-agrofloresta/?gclid=Cj0KCQiAxNnfBRDwARIsAJIH29AdchQUxYFkRzmXGbQk4bk3qWN-G6Mj7VNC1_BGl4jLgxt85YqH-AQaAjTfEALw_wcB. Acesso em: 21/11/2018.

resistência ao sistema escravocrata (CALHEIROS; STADTLER, 2010, p.135). Porém, por mais que o termo resistência apareça, o desenvolvimento da Fazenda Velha está mais ligado a um sistema de defesa e refúgio.

Eugênio, presidente da Associação Comunitária, criada em 2010, nos conta que suas ancestralidades possuem fortes laços de parentesco com o quilombo do Remanso e Iúna, ambos localizados no município de Lençóis. Segundo o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), da comunidade de Iúna, guarda-se poucas¹¹ fontes documentais da história da formação dos quilombos da região (p.52). O que se sabe acerca dessa formação é que, após os trabalhos de garimpo, com grande participação de afrodescendentes e indígenas vindos de Minas Gerais e do Recôncavo baiano, consolidam Lençóis como atração desses trabalhadores. Por mais que não tenha registros sobre a formação dos quilombos na Chapada Diamantina, não há dúvidas sobre suas presenças na região. Como observou Rômulo de Oliveira Martins (2013), em sua tese de mestrado,

A ocupação desse território deu-se de forma ímpar em relação aos ensaios de povoamento da Província da Bahia no século XIX. O vigoroso fluxo migratório que fez ocupar a Chapada Diamantina deu origem a uma sociedade multiétnica (brancos, mulatos, crioulos, pardos, **africanos** e europeus), com características sociais e jurídicas diversificadas (comerciantes nacionais e europeus, brancos bem estabelecidos, outros nem tanto, artistas, **escravos e libertos**). Esses atores sociais preencheram a região com suas singularidades, emoções, anseios e ofícios, sendo o diamante a centralidade na qual orbitava aqueles indivíduos. A cada boato de abertura de um garimpo vantajoso era certo o alvoroço de pessoas se deslocando para os lugares das novas descobertas. (MARTINS, 2013, p.26-27)

Outro documento, uma carta¹² para o então governador capitão general Dom Fernando José de Portugal, faz relatos da existência e profícua atividade e povoação dos quilombos do Orobó (da região de Itaberaba), Tupim (atual Boa Vista do Tupim), e Andaraí.

Segundo relatos dos moradores, na Fazenda Velha há um cemitério de mais de 130 anos e citam ainda que a formação da comunidade já se iniciou com conflitos sobre a terra. Para eles, os fazendeiros e garimpeiros da época, que possuíam as melhores terras da Chapada, iam expulsando-os para áreas mais isoladas, alagadas e escondidas, e assim fizeram do Marimbus

¹¹ Identificamos isso quando fizemos visita a Biblioteca Herberto Sales, em Andaraí. Abordamos um pouco mais sobre isso no terceiro capítulo.

¹² “Dizem os moradores da Villa da Cachoeira abaixo assinados, que geral utilidade que lhes resulta a extinção dos Quilombos de Orobó, Tupim e Andarahy, donde diariamente saem foragidos nelles acoitados, em tropa, acommettendo as estradas, ainda mais as públicas, a despojar aos viandantes, roubando muitos gados nas fazendas por onde passam, especialmente as circunvisinhas daqueles **Quilombos**, assassinando, deshonestando mulheres donzellas e cazadas com toda a impunidade e escandalo e depois disso persuadindo e conduzindo seus semelhantes aos mesmos coitos e isto muitas vezes por força e vista de seus senhores, são contentes que o Capitão-mor de entradas e assaltos Severiano da Silva Pereira investigue os referidos quilombos, fazendo, como promete, as despesas a sua custa permitindo-se-lhe os despojos delles e ainda as próprias crias nascidas n’elles desde o tempo de sua subsistência” (PEREIRA, 1962, 584 *apud* INCRA, 2015, p.69).

seu refúgio. Porém, ainda que exista histórias e relatos, a localidade, mesmo sendo reconhecida como território quilombola pela Fundação Cultural Palmares (FCP), desde 2007, não possui o RTID de jurisdição do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Para o presidente da associação, a comunidade só está dependendo do relatório técnico, assinado por um antropólogo para o processo ir adiante e serem reconhecidos documentalmente como quilombolas. O INCRA, por sua vez, informa que, por conta de cortes orçamentários a única forma de o documento vingar é a própria comunidade, junto com outros atores, a prefeitura local, entidades e ONG's contratar um profissional, que precisará ficar na localidade por no mínimo 3 meses.

Dentro dessa localidade (que preterivelmente chamaremos de *domo*¹³) existem cerca de 50 famílias, hoje divididas entre três perfis: os tradicionais, os mais ou menos modernos e os estrangeiros (também conhecidos como carambolas¹⁴, como alguns dos moradores os chamam). O primeiro perfil são aqueles que possuem laços com a comunidade desde o seu surgimento. Sua representação social se dá a partir das sete¹⁵ árvores genealógicas que fortalecem a rede de comunicação e interação dentro da Fazenda Velha com casamentos, amizades, laços entre compadre, comadre e outros gêneros familiares. Os mais ou menos modernos são aqueles que compraram terras ou se casaram com algum dos moradores tradicionais e acabaram mudando para lá, também construindo laços sociais e culturais do local e outros vínculos familiares (esses chegaram depois da instalação do PNCD). O último diz respeito aos forasteiros, que, por mais que o nome diga por si só, são aqueles que estão comprando terra por agora e veem uma Fazenda Velha turística, que estão à procura de paz, tranquilidade, o de um local para passar finais de semana, feriados e afins.

Os tradicionais, os que mais nos interessam, além de viverem da agricultura familiar, vivem da aposentadoria – no caso dos mais velhos. As atividades pesqueiras também ajudam na alimentação diária. Na segunda vez que fomos para a Fazenda Velha realizar as visitas de campo, quando hospedados na casa de dona Elza, ela nos levou até o rio para ajudar na busca dos peixes. *“Antigamente quando eu vinha aqui com Vandira, a gente pegava era muito peixe, hoje as piabinhas estão espertas ou sumiram tudo”*, disse dona Elza.

¹³ A metáfora *domo* será discutido com mais profundidade no capítulo seguinte.

¹⁴ As pessoas que os moradores da Fazenda Velha chamam “carambola” são os estrangeiros, brancos, aqueles que não são tradicionais e estão chegando por agora na localidade. Os habitantes fazem distinção entre os quilombolas x carambolas.

¹⁵ Esse fato foi identificado nas primeiras reuniões com a comunidade, quando a professora Gislene junto com Marcela (do ICMBio), realizaram uma atividade com os moradores.



Figura 1. Dona Elza enquanto “armava” a armadilha para pesca. (Foto: Pesquisa de campo)

Nesses espaços, as atividades eram desenvolvidas quase que diariamente pelos que permanecem na comunidade. Os comunitários se conectavam com suas tradições, costumes e com os outros moradores em um tipo de conexão offline de interação social face a face. Além disso há outras interações e conexões nos movimentos ancestrais culturais e religiosos, como o *Jarê*¹⁶ e a celebração da festa de São Cosme e Damião¹⁷, e até mesmo quando arrancavam e tratavam a mandioca para a produção da farinha e tapioca.

Outra forma que os moradores utilizam para se conectarem uns aos outros são nas reuniões da associação, que ocorrem todo primeiro domingo de cada mês. Nesses encontros são discutidas as demandas locais (a exemplo de quais vias de acessos a comunidade precisam de reparos), as novidades de acesso a programas governamentais e/ou questionamentos acerca dos conflitos que o local passa. Como está localizado em uma região estratégica turisticamente, os moradores possuem certo anseio em se tornar um polo ou rota turística de base comunitária, da mesma forma que acontece no quilombo do Remanso. Na reunião que aconteceu em 30 de setembro de 2018, muitos moradores questionavam o presidente o motivo pelo qual o Remanso

¹⁶ O Jarê da Chapada Diamantina nasce da junção cultural e religiosa, junto a migração dos primeiros habitantes da região. Os migrantes que vinham do Recôncavo traziam o candomblé de orixás (Jeje, Keto, Nãgô, Banto, Angola), já com os caboclos indígenas incorporados à sua cosmogonia e ao seu ritual. Os que chegaram de Minas, além dos orixás, traziam elementos de umbanda. Os que vieram do São Francisco chegaram com atitudes, pensamentos e valores do catolicismo rural. (SENA; AGUIAR, 1980, p.80)

¹⁷ O culto aos gêmeos mártires foi trazido para o Brasil em 1530 por Duarte Coelho Pereira e tornaram-se padroeiros de Igarassu, em Pernambuco. No nordeste brasileiro passaram a ser invocados para afastar os contágios de epidemias. Os negros bantos identificaram Cosme e Damião como os orixás Ibejis em um sincretismo religioso. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Cosme_e_Dami%C3%A3o >. Acesso em: 21/11/2018.

poderia ter e viver do turismo¹⁸ de base comunitária, e eles não. “*O pessoal do parque não deixa*”, falou o presidente. Os encontros servem também para fortalecer a rede Fazenda Velha em meio às lutas, labutas e conquistas.

Como mencionado anteriormente, a localidade está situada dentro do PNCD, e há mais de 30 anos vivem um conflito entre interesses ambientais e preservação da identidade quilombola. O Parque, criado em 17 de setembro de 1985 pelo decreto nº 91.655, bebe no decreto-lei nº 84.017, de 21 de setembro de 1979 que regulamenta os Parques Nacionais Brasileiros, e por sua vez, proíbe¹⁹ decisivamente a presença humana nesses territórios. Essa realidade, infelizmente, só reflete a exclusão social e digital de um povo, que desde as suas origens sofre com a sonegação de direitos.

Assim sendo, os moradores que antes estavam acostumados com a coleta de frutos, sementes, raízes e outros produtos, e habituados em criar animais para consumo e de estimação, começaram a viver e vivem até hoje o medo de serem expulsos das terras, que por lei já os exclui de lá. Muitos deles tinham pretensão de crescer suas casas (de maioria em estruturas de pau-a-pique) e construir banheiros convencionais, mas, por estarem numa área de preservação rigorosa, são constantemente impedidos de realizar. E, caso faça são denunciados e notificados a pagar elevadas multas. Na Chapada Diamantina, como em todos os parques nacionais, essa área é administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), que em 2007, em plano de manejo ouviu os moradores.

Nestas entrevistas, cerca de 72% dos moradores perceberam que uma das mudanças mais radicais após criação do parque estava diretamente ligada à impossibilidade no aumento do plantio. Em contrapartida, 86% dos mesmos afirmam a tranquilidade e a possibilidade de contribuir para a preservação da natureza como vantagens. Os outros 14% não veem vantagem alguma. No quesito desvantagens, 43% citaram a desapropriação da terra, 29% a impossibilidade de aumentar o plantio e para 28% não há desvantagem.

Fazendo um cruzamento entre os dados apresentados, percebemos uma discrepância latente em um dos quesitos. Quando perguntados sobre as vantagens de morar em um parque,

¹⁸ Nas sete agências de turismo (Zentur viagens e turismo, Terra Chapada Expedições, Venturas Viagens, Cirtur, Fora da Trilha, Extreme EcoAdventure e Pôr do Sol Ecoturismo), instaladas em Lençóis, há rotas que passam pela Fazenda Velha através dos roteiros entre Marimbus – Rio Roncador. Geralmente partem da comunidade do Remanso, e uma das cobranças da Fazenda Velha é que ela se torne ou desenvolva turismo nas mesmas condições que acontecem no Remanso.

¹⁹ Diferente das Leis que regulamentam as Áreas de Preservação Ambiental (APAS), que são zonas de conservação mais adequadas, à disposição do Poder Público, para o ordenamento das atividades econômicas, sociais e humanas no interior das áreas de interesse relevante para proteção ambiental. Os indivíduos podem residir no local, desde que sigam regras de preservação. Ver: <https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/83213/decreto-2216-93>. Acesso em 21/11/18.

14% só enxerga desvantagens e quando a entrevista apresenta alternativas, 28% diz o contrário. Isso nos leva a crê que: a) a entrevista não teve objetividade e/ou clareza, ou, b) os moradores não se atentaram aos questionamentos.

Quando questionados sobre as possíveis providências para melhoria do Parque, 57% preferem deixar como está (sem desapropriação) e 43% gostariam que a desapropriação fosse prioridade e resolvida mais rapidamente. No entanto, todos concordam com a realização de acordos, desde que sejam respeitadas as opiniões de ambas as partes. (BRASIL, 2007, p.170)

Porque é importante trazer esses dados? Em dias atuais, e depois de muitas reuniões e discussões na comunidade, é visível que ninguém mais quer abandonar ou ser expulso de suas terras. E, com base nessas discussões, desde 2011 a gestão do PNCD e a comunidade em questão, concordaram em discutir um possível acordo²⁰. Enquanto o ICMBio, armado pelo decreto nº 84.017, restringe inúmeras atividades dentro do Parque e regra os usos dos recursos naturais, os moradores lutam para permanecerem dentro de suas terras, com intuito de preservar sua identidade cultural (HALL, 2008 p.28).

A relação atual entre a Fazenda Velha e o PNCD é de intensos conflitos, porém, “*as conversas em torno do termo de compromisso é a melhor escolha enquanto não chegue a uma definitiva solução*”, diz Soraya Martins, Chefe do Parque, em entrevista para o Jornal da Chapada²¹. Com isso, abrimos um espaço para falar dessa relação e entender como entramos nessa história.

1.2. A RELAÇÃO COM O PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DIAMANTINA

A Chapada Diamantina está inserida na Bahia central e é uma das regiões mais híbridas, em todos os sentidos da palavra, do Estado. Além de inúmeras culturas e costumes, seu território de identidades, representa climas e ecossistemas variados. Trata-se de uma área semiárida, onde predomina um clima seco e vezes sub úmido e com vasta e exuberante vegetação formada por limites da Caatinga, Cerrado, Florestas, Refúgio Ecológico, dentre outros. Sua fauna e flora abre destaque para as bromélias, orquídeas e sempre-vivas espalhadas por muitas de suas cidades.

²⁰ Trata-se de um termo de compromisso entre órgão e comunidade.

²¹ <https://jornaldachapada.com.br/2017/09/27/termo-de-compromisso-e-discutido-com-moradores-da-regiao-do-parque-nacional-da-chapada-diamantina/>. Acesso em: 29/10/18.

A Chapada Diamantina é composta por 24 municípios²². Por mais que seja uma região conhecida mundialmente pelas suas belezas naturais, seu histórico sempre envolveu conflitos. Segundo o antropólogo José Augusto Sampaio, no Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário do Território (PTDRSS - 2016), a Chapada é considerada uma região que durante sua história assassinou indígenas para “limpar” as terras e usar os povos tradicionais como escravos. Conhecidos como Tupuia para descrever os povos originários, estudos apontam a predominância da etnia Payayá, hoje com uma comunidade instalado na Utinga (p.2). A presença indígena nessa época contribuiu para a policultura presente.

Há muito tempo a região era uma das mais ricas por conta do garimpo, destaca-se as cidades Lençóis, Palmeiras e Andaraí. O garimpo movimentou a economia local por quase um quarto de séculos e logo após houve o declínio dessa atividade a partir de 1871, devido principalmente à concorrência das jazidas sul-africanas, descobertas seis anos antes, e ao emprego de métodos extrativos rudimentares, que não permitiam a exploração de depósitos de médios e baixos teores (BAHIA, 2016, p.3). Após o ocorrido, segundo Francisco Brito (2015) os moradores (que não migraram para outras regiões do Estado) começaram a se dedicar ao plantio de café²³, à horticultura irrigada e à bovinocultura.

O declínio do garimpo e dos grandes períodos secos que a região começou a enfrentar justifica a criação do PNCD, que teve a intenção de proteger a população diamantífera na Chapada e incentivar o turismo ecológico. Desde a criação do Parque,

o ecoturismo vem se fortalecendo no território e tem se tornado uma das principais atividades econômicas, caracterizando assim um novo ciclo econômico da Chapada Diamantina. Do ponto de vista sociocultural, as comunidades tradicionais, notadamente as comunidades remanescentes quilombolas, representam um importante traço cultural e agrário da Chapada, aspecto diretamente ligado ao processo da ocupação territorial. (BAHIA, 2016, p.4)

Mudam-se as formas para manter a economia do lugar, mas mudam principalmente para dinamizar as atividades turísticas mercadológica da nova, atual e preservada Chapada Diamantina. Como abordamos anteriormente, desde 2011 a interação entre esses dois mundos gira por volta de construção de termo de compromisso para amenizar os presentes conflitos até que chegue a uma resposta determinante. De um lado, o ICMBio tentando contribuir para atender

²² Abaíra (juntamente com seu distrito Catolés e seu povoado de Ouro Verde) Andaraí, Barra da Estiva, Ibitiara, Iramaia, Itaetê, Marcionílio Souza, Morro do Chapéu, Novo Horizonte, Palmeiras, Rio de Contas e seus distritos Arapiranga e Marcolino Moura, Seabra, Souto Soares, Tapiramutá, Utinga, Wagner, Boninal, Bonito, Ibicoara e seus distrito Cascavel, Iraquara e seu distrito Iraporanga, Jussiapé e seu distrito Caraguataí, Lençóis, Mucugê, Nova Redenção e Piatã e seus distritos Cabralia e Inúbia.

²³ Que conheceu um auge no início do século XX, mas que sofreu um grande declínio após a crise de 1930. (BAHIA, 2016, p.3)

os moradores, em conformidade com as restrições do PNCD e pelo outro lado – por conta de falácias de alguns moradores, ou do pessoal que está fora dessa realidade – o drama dos moradores que pensam que a qualquer momento podem ser expulsos de suas terras.

Em 2017, o grupo de pesquisa Garimpando Redes, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XXIII, de Seabra-BA, foi convidado para mediar essas conversas. A ideia parecia muito simples: conectar essas duas realidades em uma rede de diálogo que ambas partes compreendessem (uma vez que a fala da gestão do parque era muito técnica e a dos moradores da Fazenda Velha muito popular). Ao decorrer do ano de 2017 foram desenvolvidas várias atividades dentro da comunidade, algumas tinham o intuito de perceber como se davam as relações interpessoais e identitárias e suas ações culturais. Outras atividades/dinâmicas de formatos lúdicos serviriam para se colocar no local da fala do outro para tentar entender não só suas indignações, mas sim, toda problemática existente dentro dessa rede de fios embaralhados. As atividades foram realizadas tanto com o ICMBio quanto com os moradores presentes nas reuniões.



Figura 2. Josivaldo, morador da comunidade, falando para membro do ICMBio como se sentia em meio a situação. (Foto: pesquisa de campo – Rose Caroline)

Na reunião que aconteceu no dia 03 de fevereiro de 2018, o ICMBio apresentou à comunidade o rascunho do termo de compromisso, construído com base nas discussões anteriores. No prévio documento, informava o que eles poderiam e o que não poderiam fazer/ter dentro daquele espaço. Durante a apresentação, a Fazenda Velha protestava pelos seus direitos básicos – água potável, saneamento básico, energia elétrica, segurança alimentar, serviços de saúde, educação, direito a informação/comunicação e transporte – e o Instituto ia apontando

limites e alternativas, segundo a lei. E, para que as decisões fossem adequadas e compreendidas para as duas redes, para que essas elas falassem num mesmo tipo de linguagem, nós quanto Universidade, mediávamos os dois extremos.

Nas reuniões seguintes (as quais não participamos), fomos informados tanto pela gestão do Parque tanto pelo presidente da associação e por alguns moradores, que infelizmente, as conversas tiveram de ser canceladas e as discussões sobre o termo deixada de lado. O fato ocorreu após a comunidade tomar consciência de seus direitos quanto povos originários e terem acesso ao decreto lei 4.887/03 que regulamenta o procedimento de regularização e reconhecimento e demarcação das terras ocupadas por remanescentes de comunidades quilombolas. No artigo 11 do apresentado decreto, destaca-se:

Quando as terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos estiverem sobrepostas às unidades de conservação constituídas, às áreas de segurança nacional, à faixa de fronteira e às terras indígenas, o INCRA, o IBAMA, a Secretaria-Executiva do Conselho de Defesa Nacional, a FUNAI e a Fundação Cultural Palmares tomarão as medidas cabíveis visando garantir a sustentabilidade destas comunidades, conciliando o interesse do Estado. (BRASIL, 2003)

Enquanto o decreto 84.017 limita muita coisa, a lei de demarcação a sobrepõe e causa mais complexidades quanto ao processo de desterritorialização. Mas enquanto o INCRA conjuntamente com a comunidade não tomar as devidas providências para o reconhecimento como povos originários, o PNCD é quem tem autoridade. O parque deixa claro que não é permitida a criação de animais domésticos, expansão das residências, acesso às lenhas para fins pessoais, caça, dentre outras atividades já citadas, o que induz revolta por parte de alguns. *“Eu só queria entender porque o povo que tem restaurante em Andaraí pode levar o tanto de lenha que eles querem e eu aqui não posso levar um ‘feixo’ de lenha pra cozinhar feijão na minha casa de lá”*, questiona Vandira.

Durante as discussões identificamos que: o que para o ICMBio são regras a cumprir, para os moradores é o motivo para a comunidade não se desenvolver. Nem de forma offline – no sentido de ter turismo²⁴ de base comunitária – nem de forma online – ter acesso à energia, sinais de telefonia de qualidade e televisão. Segundo a lei nº 84.017, que além de proibir o desenvolvimento de atividades para fins alimentícios e esportivos (art. 2, 10 e art. 11), de maneira alguma libera a instalação de teleféricos, torres para telefones e/ou qualquer tipo de comunicação audiovisual bem como publicidade (art. 21 e 24).

²⁴ *“Eu gosto muito daqui, mas lá no Remanso tem energia, água encanada e o povo pode receber turistas lá. Por causa do parque a gente não pode ter esses benefícios aqui”*, disse Jailson, morador e mestre de capoeira.

A rigorosidade da lei é tão complexa que não discutiremos as questões ambientais (que é sua prioridade) com maiores profundidades, mas reconhecemos que ela é um elemento muito importante para entender o atual cenário. A realidade, como já mencionada, reflete diretamente nas conectividades de múltiplas interações online dos moradores da Fazenda Velha com o restante do mundo – um dos focos principais da presente pesquisa.

1.3. CONECTIVIDADE, INTERAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA FAZENDA VELHA

Existem alguns trabalhos que falam sobre a Fazenda Velha e que destacam bastante os casos dos conflitos. Um exemplo muito importante é a tese de doutorado *Comunidades Nativas e Áreas de Preservação: Tensões entre Políticas Ambientais e o uso do Território no Parque Nacional Da Chapada Diamantina*, da Maria Medrado Nascimento (2018). Nela, a pesquisadora se dedica em discutir, pelo viés sociológico, os conflitos socioambientais entre as comunidades tradicionais que estão sobrepostas a territórios de conservação e proteção ambiental. Além disso, faz-se também uma contextualização histórica e atual da comunidade.

Outro trabalho interessante é o artigo *Meio Ambiente, Socio-Espacialidade e modo de vida Tradicional na Comunidade Quilombola Fazenda Velha*, de Clara Flores Seixas de Oliveira (2015), que discute, com relatos de experiência, as culturas, modos de vida e relação com o meio ambiente. Porém, nenhum²⁵ se atentou a conectividade, e interação com as redes virtuais, que hoje pode ser uma arma para a militância desses conflitos e/ou mecanismo para a preservação ambiental. Por isso, questionamos: como é dada a realidade online da comunidade em questão?

A comunicação e interação nos formatos online, em Fazenda Velha, se dão pelos poucos sinais que conseguem ultrapassar a mata fechada. As conexões tecnológicas, por sua vez, são oferecidas pelo escasso sinal de operadoras de celular. Na sede do seu município, os sinais da operadora *Claro*, são excelentes e cobrem toda Andaraí. A *Vivo*, por sua vez, tem uma realidade diferenciada e seus sinais pegam somente em lugares altos, bem como na entrada da cidade. Em consequência, a dada realidade reflete diretamente nos sinais telefônicos na Fazenda Velha, e quem deseja utilizar os serviços, precisam se direcionar a lugares estratégicos.

Para se manterem informados sobre às notícias que ocorrem no Brasil e no mundo, os moradores utilizam aparelhos radiofônicos e assistem televisão à noite. Durante o dia, enquanto

²⁵ Em sua tese, Maria Medrado Nascimento (2018) cita em brevidade que não há trabalhos sobre as questões de internet e interação no mundo online.

as placas solares²⁶ estão sendo recarregadas²⁷, a TV fica desligada e é possível identificar em quase todas as casas que visitamos o rádio ligado, porém “*aqui só pega a rádio da Globo e uma do Morro do Chapéu*”, relata sorridente dona Vandira. A programação da rádio *Globo* é a mesma da filiada *Rede Bahia*, com sede em Salvador. As noites a pequena carga²⁸ das placas solares são destinadas à alimentação dos aparelhos televisivos, que também só possuem sinais da mesma emissora.

Essa realidade se dá pela grande concentração midiática, irregularidades em concessões e subconcessões e pela falta de fiscalização do governo, por meio do Ministério das Comunicações (MCTIC). Segundo relatório da ONG internacional Repórter Sem Fronteiras²⁹, a realidade desse agrupamento de mídia mostra que essas exigências não são cumpridas e há problemas diretamente ligado a falta de conteúdo local.

Atualmente, os grupos Globo, SBT, Record e Band dominam 69,4% da audiência televisiva. Os números derivam do fato de esses canais terem empresas afiliadas que, em sua maioria, retransmitem e reproduzem a grade de programação das empresas sede, as chamadas cabeças-de-rede. Por meio das afiliadas, a Globo, maior cabeças-de-rede do Brasil, transmite sua programação para 98,6% do território nacional, seguida por SBT (85,7%), Record (79,3%) e Band (64,1%). (PELLEGRINE, Marcelo, 2015, online)³⁰

Em estudo do Observatório do Direito à Comunicação, de 2009, mostrou que 90% dos conteúdos veiculados pelas afiliadas são produzidos pela cabeça-de-rede – que são as matrizes, muitas vezes localizadas nas regiões Sul e Sudeste. Na Fazenda Velha, a realidade não é diferente, e por mais que a programação seja da filiada Rede Bahia, o único canal que pega no povoado é a Globo. “*É o único processo de (globo)alização³¹ que a gente tem*”, nos fala dona Elza depois de questionamento surgido após assistir os recortes do quadro ‘*Que Brasil quero para o futuro*’, durante o Jornal Nacional.

²⁶ Por mais que dentro do parque não pode de forma alguma existir redes elétricas, na região administrada pela Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (COELBA), o ICMBio liberou a instalação de placas solares que ocorreram entre julho de 2014 e abril de 2015, pelo projeto Barefoot College, iniciativa da empresa Enel Green Power (EGP), em parceria com a ONG indiana Barefoot College. No projeto foi escolhida uma moradora para passar 6 meses na Índia aprender a confeccionar e instalar as placas solares, juntos com centenas de mulheres de países em desenvolvimento. Ver: <http://www.guiachapadadiamantina.com.br/projeto-leva-energia-eletrica-a-79-familias-do-parque-nacional-da-chapada-diamantina/>. Acesso em 25/10/18.

²⁷ As gambiarras que eles utilizam deixam muitos fios expostos que podem causar curto a qualquer instante.

²⁸ Em algumas casas a carga não suporta uma TV pequena mais que 6 horas ligada. Geralmente os moradores ligam o aparelho a partir das 18h e permanece ligado até a última novela da rede Globo ou até que a carga desligue tudo.

²⁹ <https://rsf.org/pt>. Acesso em 20/10/18

³⁰ <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/radio-e-tv-no-brasil-uma-terra-sem-lei-8055.html>. Acesso em 20/10/18.

³¹ A moradora brinca com as palavras depois de um jovem falar que quer um Brasil igual para todos e utiliza a frase “um Brasil global”.



Figura 3. Srº Lain, marido de Dona Elza, sintonizando a televisão. (Foto: Pesquisa de campo)

Segundo Lain, nascido e criado na Fazenda Velha, *“tem dias que o sinal da televisão tá bom, assim, hoje mesmo tá ruim. Mas, quando a televisão esquentar um pouco ela fica de boa”* disse ao sintonizar a TV. Se os sinais que apresentamos são escassos e muitas vezes com qualidade ruim, como afirma Lain, imagine quando falamos sobre a conectividade com a rede de internet e os processos que essa tecnologia perpassa.

Nas redes sociais de interação online, que por sua vez necessita de internet, as quais Leonardo Feltrin Foletto (2018) caracteriza como um canal de comunicação alternativa, em que “todos” podem ter acesso e produzir os conteúdos de si e para si (PERUZZO, 2003, p.7), a presença dos moradores da Fazenda Velha é quase inexistente. Salvam-se algumas pessoas que conseguiram sair dessa bolha e possuem perfis nas mídias sociais (WhatsApp, Facebook, Instagram). Porém vale lembrar que a usabilidade e presença nessas mídias são bem limitadas por questões já apresentadas (e outras questões que apresentaremos no segundo capítulo).

Por essas e outras razões, percebemos que a comunicação com maiores graus de conexão na Fazenda Velha é praticamente a mesma que Cicilia Peruzzo descreve no prefácio do livro *Sertões Contemporâneos: rupturas e continuidades no semiárido*, da professora Gislene Moreira (2018), ao falar sobre comunicação comunitária e popular:

...ela também se constitui a partir das relações interpessoais e grupais, no diálogo face a face, em poemas, literatura de cordel, reuniões, manifestações públicas, negociações com instituições civis e do estado, enfim, na articulação social que desenvolve a coordenação de ações cívicas. (p.14)

Além disso, é importante destacar que, independentemente de conexões online ou offline, todos os nós da Fazenda Velha estão destinados a estabelecer conexão entre si e com o mundo exterior. Mesmo que toda esperança pareça está perdida³² no local, certos laços, como a identidade cultural quilombola desse povo, não poderão ser rompidos, em hipótese alguma. Essa identidade os define quem e em que vão se tornar esse povo através do tempo, espaço, forma de ver o mundo e toda modernidade que passa por seus caminhos. É um processo contínuo que não conseguimos prever certas mudanças ocorridas pela relação entre o mundo exterior e o mundo interior. Em outras palavras, entre o mundo pessoal, local e o mundo público, virtual, global – dotado de técnicas e tecnologias.

Por mais importante que seja a comunicação em que também Antony Giddens (1991 p.22) caracteriza como interação face a face³³, o processo de comunicação em rede de conexão online abre portas para esses novos meios e técnicas advindos a partir da conexão com a internet. E, para tanto, se faz necessário um parêntese na história desse advento, entender adiante a sua distribuição e proveitos que os comunitários da Fazenda Velha podem tirar dela, no que se refere a visibilidade, preservação cultural, ambiental e identitário.

1.3.1 INTERNET: PARA QUÊ?

A atuação da internet na sociedade contemporânea pode ser percebida de diversas formas, como a influência na educação, em novas formas de consumo, alteração nas formas de comunicação maior exposição a informação e a pessoas, bem como a perda da privacidade. Ou seja, ela afeta a economia, a política e a cultura. Porém, quando a internet foi criada, suas propostas eram muito simples. Estavam ligadas ao incentivo nas pesquisas do mundo da computação interativa e a mobilização de recursos de pesquisa no universo acadêmico e tinha pretensão de alcançar superioridade tecnológica militar dos EUA em relação à União Soviética³⁴ (CASTELLS, 2003, p.13-14).

³² Os relatos do terceiro capítulo nos deram essa sensação.

³³ Anthony Giddens (1991 p.22) utiliza o conceito de interação face a face ao falar do advento da modernidade quanto a ausência de atores em relação a outros.

³⁴ Em meio a Guerra Fria, Estados Unidos e União Soviética impulsionaram a explosão tecnológica que mudaria o mundo. Em 4 de outubro de 1957, a União Soviética lançou em órbita o primeiro satélite não tripulado, o *Sputnik 1*. Este protagonismo espacial da URSS fez com que os EUA acelerassem seu desenvolvimento tecnológico. E eles o fizeram, como todo bom competidor. Em fevereiro de 1958, os EUA fundaram a Agência de Pesquisa e Projetos de Defesa Avançados, a DARPA (*Defense Advanced Research Projects Agency*). Essa agência tinha um propósito maior para o conhecimento e foi além da transmissão do saber entre as pessoas: seria criada uma rede de computadores em larga escala para agilizar as transferências de dados. Acesso 25/06/2018 > disponível em <http://expurgacao.art.br/um-breve-panorama-sobre-a-historia-da-internet/>.

Em tempos atuais, o jornalista e economista César Siqueira Bolaño (2011) caracteriza a internet como “instrumento tecnológico que está a serviço de um determinado sistema político e econômico” (BOLAÑO, 2011, p.33) e data 1987 a inserção dela no mercado. Essa inclusão, nos anos 90, é marcada também pela popularização e o início da (tentativa) universalização da mesma. A sua emergência fez com que a dinâmica do sistema capitalista se apropriasse desse bem e a transformasse num importante objeto rentável financeiramente. Para Dantas (2012), que trabalha com a mesma linha de pensamento de Bolaño:

A rede transborda os *campi* universitários e é descoberta por milhares e milhares de pessoas dos mais diversos estratos sociais como novo meio de comunicação interpessoal, acesso a notícias, entretenimento. Detecta-se um *mercado*. Surge uma geração de "colonizadores" que, ao contrário dos "primeiros habitantes", intui que seria possível ganhar dinheiro na rede. (DANTAS, 2012, p.299)

Além da inserção no mercado que favorece esses retornos lucrativos para alguns, tanto na distribuição de internet, quanto aos novos modelos de compra e venda, o processo de comunicação e informação por meio dela, também tiveram algumas mudanças significativas. Alguns estudiosos da internet³⁵, mesmo que de linhas de pensamentos teóricos distintos, começam a lançar estudos que dizem respeito aos grandes investimentos e as discussões que começaram aparecer. A mundialização/globalização desse novo sistema, o isolamento social e cultural, bem como ao colapso na comunicação e interação social e familiar face a face, são alguns exemplos das discussões que os autores trazem e que estamos tentando entender na prática e na vivência com a Fazenda Velha.

Com esses estudos, pudemos perceber que o desenvolvimento histórico da internet nos apresenta, a partir da comunicação mediada por computadores, o advento das sociedades e comunidades online³⁶. Em consequência disso, a mesma realidade também foi responsável pelo aparecimento das sociedades que não estavam/estão conectados à realidade anterior, classificando-as como comunidades ou sociedades offline. Em outras palavras, lugares que estão a margem periférica desse novo modelo de comunicação, interação e informação. Ou seja, nesse processo a internet passa por transformações simbólicas e tecnológicas até hoje, e o que conhecemos na contemporaneidade como meio de comunicação que dá um leque enorme a fontes de informação, também excluí. Ou como o filósofo Francês Pierre Lévy (2010), afirmou “toda nova tecnologia cria seus excluídos”.

³⁵ Estamos falando de Lévy (2010;2003), Bolaño (2010;2014) e Castells (2003) com os quais vamos dialogar.

³⁶ Em julho de 2011, o Ibope Nielsen Online informou que o Brasil havia alcançado a marca de 58,6 milhões de pessoas com acesso à internet (considerando-se apenas os usuários que têm acesso à rede no trabalho e em seus domicílios) (BRASILEIROS COM ACESSO..., 2011). Ver: LEMOS; MARQUES (2012).

Tendo como base as realidades inseridas e excluídas dos processos que a internet transcorre, vamos tentar entender ao decorrer do trabalho, fazendo uma análise comparativa de dados de conexão e (não)distribuição de banda larga, às falhas do processo de massificação. Também discutiremos as consequências de estar em lugares excluídos digitalmente e as interferências na comunicação interpessoal e na cultura local, tendo como base a Fazenda Velha.

Para esse trabalho, dispomos de conceitos muito utilizados nos estudos das Redes Sociais de interação online (Facebook, Instagram, Twitter e outros) e os empregamos e empregaremos as discussões acerca do exemplo de Redes Sociais de interação offline que é a já apresentada comunidade quilombola.

1.4. CONEXÕES, REDES E LAÇOS SOCIAIS: APROXIMANDO OS CONCEITOS DO MUNDO ONLINE PARA RELAÇÕES OFFLINE

As conexões, segundo Raquel Recuero (2009) são o principal foco nas pesquisas e análises das redes sociais. A conceituação de conexão poderá ser entendida de duas maneiras durante o presente trabalho: tanto nos exemplos de conexão online quanto nos exemplos de conexão offline. As conexões de uma rede social são constituídas através dos laços sociais³⁷ e da interação entre os atores³⁸ (RECUERO, 2009, p.30) ou como Castells (2003, p.7) diz: as conexões de uma rede se dão a partir de conjunto de nós interconectados, ou seja, “eu + você + nosso laço social + nossa interação” é o que vai formar uma conexão. Todavia, vamos destacar que quanto maior os laços, maior a densidade de uma rede.

Recuero aborda esses conceitos em pesquisas de redes sociais no formato de interação online, via internet, já mencionado no item antecedente (Facebook, Instagram, Twitter e outros). Contudo, neste trabalho, tomamos o livre-arbítrio e empregaremos esses e diferentes conceitos nos estudos de conexão e redes sociais que também estão presentes nas relações offline – na interação interpessoal face a face e cultural do ser humano. Deste modo, estamos entendendo essas conexões como qualquer vínculo e diálogo entre redes de pessoas desconectadas/excluídas ou entre ‘perfis’ em mídias sociais³⁹ presentes no ciber mundo (ou

³⁷ A interação entre os nodos é o pilar das relações e dos laços sociais. Essas relações representam um processo comunicacional síncrona (RECUERO 2009, p.31) e atua na construção dos laços.

³⁸ Durante o trabalho, atores (as pessoas envolvidas na rede), em alguns casos, serão entendidos como nó, nós, nodos e atores – termos utilizados para entender os estudos de rede.

³⁹ O que chamamos de mídia social se refere a um fenômeno emergente, que tem início com a apropriação dos sites de rede social pelos usuários. (RECUERO, 2015, p.27)

ciberespaço como Pierre Levy classifica as redes de conexão presentes no universo da computação (LEVY, 2010 p.17). Porém, existem algumas diferenças entre esses dois mundos).

A diferença é que nas redes sociais online, essas interações deixam rastros sociais (RECUERO, 2009, 2015) dos indivíduos e é o que facilita a análise de rede e de conexão nas mídias sociais de interação online. Para Recuero (2009, 2015), comentários, curtidas, compartilhamentos, permanecem ali até que alguém delete ou o site saia do ar. Esses rastros são publicados, arquivados e por tanto, recuperáveis e buscáveis. Já nas interações interpessoais de formato offline, esses rastros, histórias, culturas e costumes sofrerão mais com a temporalidade. O que nos leva acreditar muito na importância da utilização do método da oralidade a fim de documentar todas essas histórias, conexões, relações, e até mesmo a voz do passado (THOMPSON, 1998) ou a voz que ainda existe e que deseja ser ouvida em determinados lugares.

Mas, voltando aos conceitos, a mencionada rede, e a formação dela é uma prática humana muito antiga, segundo Castells (2003) e é o que nos dá abertura para o “livre arbítrio”. Entretanto, com o desenvolvimento tecnológico da internet, advindo pela rede mundial de computadores (RMC), os conjuntos de nodos ganharam vida nova nos tempos atuais. Passando do processo de interação social face a face, transformando-se em redes de informação e comunicação energizadas pela internet (CASTELLS, 2003). As chamadas redes sociais online são traduções das redes sociais dos espaços offline dos indivíduos, de suas conexões sociais (RECUERO, 2015, p.23), mas, vale perguntar: como se dá a formação da sociedade e como ela migra para uma sociedade virtual?

A sociedade offline dá subsídio para a formação das sociedades online. E para entender o funcionamento da interação social face a face e sua transmutação para o online adentramos um pouco ao campo da sociologia, utilizando as clássicas ideias/conceitos de Durkheim (1898). Para ele, a formação da sociedade pode ser entendida como “toda crença e todo comportamento instituído pela coletividade” (p. 11). O objetivo da sociologia era ver de seus fundadores como esse fenômeno se dá a partir dos fatos sociais, que são as maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando existência própria, independentemente das manifestações individuais que possa ter. Os fatos sociais são exteriores aos membros da sociedade, ou seja, estão enraizados na interação entre os indivíduos que geram representações coletivas⁴⁰ ou redes.

⁴⁰ A representação coletiva é considerada por Durkheim como a trama resultante das relações entre os indivíduos que ganha autonomia tornando-se externa a eles. A representação coletiva se impõe aos indivíduos na forma de crenças, de práticas religiosas, de regras morais, de preceitos jurídicos, ou seja, de “todas as formas mais

A sociedade não é somente uma somatória de indivíduos, mas a junção de várias partes que dão origem ao que Durkheim (1898) denomina de consciência da sociedade, onde

as consciências particulares, unindo-se, agindo e reagindo umas sobre as outras, fundindo-se, dão origem a uma realidade nova que é a consciência da sociedade. (...) Uma coletividade tem as suas formas específicas de pensar e de sentir, às quais os seus membros se sujeitam, mas que diferem daquelas que eles praticariam se fossem abandonados a si mesmos. Jamais o indivíduo, por si só, poderia ter constituído o que quer que fosse que se assemelhasse à idéia dos deuses, aos mitos e aos dogmas das religiões, à idéia do dever e da disciplina moral etc. (DURKHEIM, 1975, p.117 *apud* QUITANEIRO, 2002, p.63)

A sociedade não se faz de um indivíduo, ela se forma da consciência coletiva. Dessa forma, não haveria nenhuma representação coletiva como grupos sociais, dogmas, moral, costumes e movimentos culturais com uma pessoa apenas. Assim, como Durkheim (1898) fala que não se faz uma sociedade com uma pessoa, Recuero (2009;2015) e Castells (2003), como abordado acima, dizem que não se forma uma rede com apenas um nó. Assim, os mesmos não bastam somente existir, precisam ter conexões do mesmo modo que para se ter uma sociedade não bastam ter somente os indivíduos, precisa haver interações.

Na contemporaneidade, grande parte da sociedade sai de uma condição de apenas viver em sociedade e passa a estar dentro de uma sociedade que além de social é virtual, como salienta Recuero:

As redes sociais são metáforas para a estrutura dos agrupamentos sociais. Elas são constituídas pelas relações entre os indivíduos e vão servir como estrutura fundamental para a sociedade. São, assim, uma forma de olhar os grupos sociais como conexões e os indivíduos como atores que estão unidos por essas conexões, formando o tecido social. (RECUERO, 2015, p.23)

As consciências que Durkheim apresenta, também estão presentes nas redes sociais de interação online. Pegando o exemplo das redes sociais, já citadas acima, tanto podemos compartilhar nossos sentimentos e acontecimentos pessoais, como também compartilhar textos e discussões que gerarão interações ou também podemos fazer parte de vários grupos que discutem assuntos dos nossos interesses, crenças, cultos. Com o advento das novas tecnologias as representações sociais transcendem as sociedades offline atingindo agora em esfera online, elevando a condição dos indivíduos integrantes de “seres sociais” para “seres sociais virtuais”.

Porém, isso nos leva a uma outra reflexão - porque acontece com as sociedades que ficam de fora da transcendência das representações coletivas nas redes online? A (não) presença

características da vida coletiva [...] que são expressamente obrigações. Ora, a obrigação é a prova de que estas maneiras de pensar e agir não são obras do indivíduo, mas emanam de uma força moral que o ultrapassa” (Durkheim, 1898, p. 17).

no mundo digital interfere algum aspecto nas relações e interações? Esses aspectos são bons ou ruins?

2. DISTRIBUIÇÃO DE INTERNET, SOCIEDADES E DENSIDADE DE DOMOS A PARTIR DOS NÓS E OUTRAS COISAS: CONVERGÊNCIA E INCLUSÃO, PARA QUEM?

2.1. COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO NAS SOCIEDADES CONECTADAS E NAS SOCIEDADES DESCONECTADAS

Como nossa prática é baseada na comunicação, e a internet transforma o modo como nos comunicamos, nossas vidas são profundamente afetadas por essa nova tecnologia da comunicação. Por outro lado, ao usá-la de muitas maneiras, nós transformamos a própria internet. Um novo padrão sociotécnico emerge dessa interação. (CASTELLS, 2003, p.10)

A comunicação interpessoal face a face – aquela a envolver diálogo entre duas ou mais pessoas, a qual classificamos como offline, existe há mais de oito mil anos⁴¹ a.C. A partir da análise de Castells, são percebidas as transformações no modo de se comunicar pós internet. Atualmente, não é somente a comunicação, mas uma comunicação que necessita de novas tecnologias e aparatos tecnológicos (celulares smartphones, tablets, iPads, computadores, notebooks...) para ser também efetivada e/ou mediada.

Hoje em dia, acreditamos que todo mundo, ou uma boa parcela dele, já ficou incomodado pela falta de atenção do Outro⁴², por conta da relação com as tecnologias da informação (TIC's) e pela constante presença nas mídias sociais. Porém, esse momento propõe apresentar estudos que nos retomam as discussões sobre as positivities advindas das TIC's e da internet, bem como o contrário disso.

Em 2001, Manuel Castells fez uma reflexão muito importante para entendermos como são as relações nessas sociedades. No primeiro momento da obra *A Galáxia da Internet* (2003), o autor identificou que para alguns estudiosos (Barry Wellman, Steve Jones, Di Maggio, Hargittai, Neuman e Robinson): 1º) a internet foi à causadora de novos padrões, seletivos, de relações sociais a substituírem as formas de interações humanas territorialmente limitadas; 2º) sua difusão está conduzindo no isolamento social e familiar, no sentido de os jovens praticarem uma sociabilidade aleatória, abandonando ambientes reais; e com isso, 3º), a presença nela se

⁴¹As primeiras comunicações escritas (desenhos) de que se têm notícias são das inscrições nas cavernas. (MAGELA, online) Acesso: 25/06/2018 Disponível: <https://www.infoescola.com/historia/historia-da-comunicacao-humana/>. Porém, se tratam de registros que remetem a um modo de comunicação. Isso justifica o motivo pelo qual datamos há mais de 8 mil anos a.C.

⁴²De acordo com PRADO e BAIRON (2010), o “Outro” está ligado às séries de paisagens culturais e políticas, juntamente com os seus valores, frente às quais a mídia estabelece distancias relativas, calculadas, homologadas ao afastamento que seu público mantém.

tornou um lugar propício para confecção de identidades falsas, viver fantasias online, a fim de estar fugindo do mundo real (CASTELLS, 2003, p.98-99).

Mesmo que se mudem as relações supracitadas, os usuários sociais da comunicação mediada por computador criam personalidades/perfis online compatíveis com suas identidades offline (BAYM, 1998, p.55 *apud* CASTELLS, 2003, p.100). Pelo rumo em que a internet tomou, sua introdução foi veiculada como a nova era da comunicação livre. Mas será mesmo que esse tipo de comunicação foi capaz de excluir ou diminuir as interações interpessoais? Será que esse novo formato de rede substituiu o lugar de sociabilidade?

Apresentando outros estudos, Castells (2001) ao citar Wellman (2001, p.1) diz que a internet não foi a principal causa dessa nova configuração da vida cotidiana. Segundo o autor, ela adicionou interação online às relações sociais já existentes, mesmo tendo menor tendência a ter contato regular pessoa a pessoa. As novas redes de laços interpessoais também proporcionam sociabilidade, apoio e informações (CASTELLS, 2003, p.106). Nesse entendimento, a internet seria um meio que complementa a comunicação social de interação offline e a migração de seres somente sociais para seres sociais e virtuais.

Indo pela mesma linha de pensamento, a comunicação social mediada por computadores, fez com que usuários desta grande rede, viesse ter redes sociais maiores que os que não usuários (USLANER, 1999 *apud* CASTELLS 2003, p.102). Isso significa (aos que estão conectados) que a internet tem um efeito positivo tanto no que se diz respeito à interação social quanto a sua exposição a várias fontes de informação.

Há vários estudos que comprovam esse efeito positivo advindo desta emergência. Castells cita em sua obra (2003) uma pesquisa desenvolvida por Hampton e Wellman em 1998-99 em um subúrbio conectado do Canadá. Nesta experiência foi oferecido à 120 família de classe média baixa, conexão com a internet banda larga em tempo integral e gratuita, durante dois anos (somente 65% das famílias aceitaram a proposta), e em troca, os pesquisadores iriam observar os moradores comparando as relações sociais destes que estavam conectados e dos que estavam desconectados a essa nova rede de interação online. Constatou-se que:

os moradores de “Netville” que eram usuários da internet tinham um número mais elevado de laços sociais fortes, de laços sociais fracos, e de relações de conhecimento do bairro e de fora dele, do que os que não tinham conexão com a internet. O uso da internet aumentava a sociabilidade tanto a distância quanto na comunidade local. As pessoas estavam mais a par das notícias locais pelo acesso ao sistema de e-mail da comunidade que servia como instrumento de comunicação entre vizinhos. O uso da internet fortalecia relações sociais tanto a distância quanto num nível local para laços fortes e fracos, para fins instrumentais ou emocionais, bem como a participação social na comunidade. (HAMPTON; WELLMAN, 2000. *apud* CASTELLS, 2003, p.103).

No entanto há também estudos que discordam dessas análises, bem como das conclusões sobre toda essa positiva sociabilidade advinda da internet. Em pesquisa parecida (com 169 famílias) Kraut (1998) verificou que o maior uso da internet estava associado a um declínio na comunicação dos participantes com os membros de sua família em casa, um declínio no tamanho do seu círculo social e um agravamento de sua depressão e solidão (KRAUT, 1998, *apud* CASTELLS, 2003, p.103-104).

Esses graves sentimentos também já foram identificados no Brasil quando se diz respeito ao não uso das redes sociais de interação online. Em pesquisa realizada em 2016 pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), afirma que no país, 68% dos adolescentes entre 15 e 18 anos se sentem solitários e ansiosos sem o uso da internet. A mesma pesquisa nos mostra que o Brasil é o segundo país onde jovens passam mais tempo na internet. Entre os meninos, mais de 68% deles acessam as redes sociais de interação online todos os dias, e, nesse quesito, mais de 72% das meninas ficam conectadas às redes. Os jovens brasileiros ficam aproximadamente 6 horas conectados por dia. E com isso Kraut (1998) identifica que toda essa imersão nas nuvens, fortalece o que Bauman (2004) chama de laços sociais, interação, e atrevo até falar em conexões e redes líquidas entre os nodos.

O sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman em seu livro *Amor Líquido* (2004), já nos apontava para esse caminho das relações frágeis, líquidas. Para ele, toda essa conexão pode ter vida curta devido à fragilidade irreparável de cada conexão. Dentro da rede, você pode sempre correr em busca de abrigo quando a multidão à sua volta ficar delirante demais para o seu gosto (BAUMAN, 2004, p.79), mas, tendo consciência que nem sempre seus contatos sociais online estarão disponíveis ou querendo também estabelecer contato. Em decorrência da exposição as redes, o advento da proximidade das conexões humanas se tornam mais banais, intensas e mais breves:

As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços. Centradas no negócio à mão, estão protegidas da possibilidade de extrapolar e engajar os parceiros além do tempo e do tópico da mensagem digitada e lida — ao contrário daquilo que os relacionamentos humanos, notoriamente difusos e vorazes, são conhecidos por perpetrar. Os contatos exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos, e também para serem rompidos. A distância não é obstáculo para se entrar em contato — mas entrar em contato não é obstáculo para se permanecer à parte. Os espasmos da proximidade virtual terminam, idealmente, sem sobras nem sedimentos permanentes. Ela pode ser encerrada, real e metaforicamente, sem nada mais que o apertar de um botão. (BAUMAN, 2004, p.82)

Para Bauman, a prática mais importante da proximidade virtual parece estar na separação entre comunicação e relacionamento. Nesse sentido, não necessariamente precisa de vínculos preestabelecidos para ter uma conexão/comunicação online, mas, em contrapartida

estabelece o enfraquecimento dos vínculos interpessoais. Um dos moradores da Fazenda Velha nos conta: *“Um dos meus filhos mesmo, vive com o celular na cara”* e reconhece o estado líquido das relações diárias com a família, quando seu filho fica muito tempo ligado às novas tecnologias e pouco dialoga com os que estão fora da realidade virtual.

Enfim, são muitos estudos e com pontos de vista bem distintos sobre as mudanças no comportamento social entre usuários e não usuários da grande rede, após o advento da comunicação mediada por conexões energizadas. Em tese, como Castells (2003) já mencionava, os dados existentes não comprovam se o uso da internet leva maior ou menor interação ou isolamento social. A verdade é que, após a “democratização dos meios”, o internauta é seu agente próprio e tem autonomia para criar sua própria rede de laços sociais, montando suas redes tanto online quanto offline, com base em seus interesses, valores, crenças, afinidades, projetos e afins.

Os aparatos para as mídias atuais de comunicação (celular, computador, iPod, a própria internet-muitas outras) têm evidenciado novas formas de interagir e estabelecer relações, seja de forma presencial ou virtual (VENTURA, 2010, p.128). A relação com essas redes, que estão em constante convergência, influencia as novas formas de socialização e escolhas. Na internet (ou no negócio à mão, como diz Bauman (2014)) você é quem você diz ser (CASTELLS, 2003, p.109).

Mesmo com toda essa discussão, é importante ressaltar que as realidades pesquisadas tiveram a oportunidade de estarem em zonas em que a emergência da internet e o processo da globalização da mesma já estivessem presentes ou começando aparecer. Nessas condições, mesmo que outrora, é importante falar que é fácil fazer ciência e/ou comparar o enfraquecimento ou não das relações sociais. O questionamento agora é: como fazer esse tipo de análise em cidades e comunidades excluídas das redes, das conexões, das interações e dos laços sociais online? Como os nós da periferia da internet estão se comportando em uma realidade que está cada vez mais digital?

2.2. CONVERGÊNCIA E INCLUSÃO: PARA QUEM?

Não podemos deixar de falar que permanecem atualmente várias positivities advindas com a internet e com a convergência que a rodeia, e não podemos omitir que o acesso à informação/comunicação é um exemplo fiel dessa realidade. Graças à digitalização dos meios

e as facilidades⁴³ que o mercado desenvolveu para que todos (ou quem possui capital) tivessem acesso ao mundo na palma da mão, ficaram mais fáceis. Com essas facilidades de acesso a plataformas digitais disponíveis na rede mundial de computadores, convergindo com os potentes celulares, ficou também mais “fácil” a confecção e divulgação de conteúdo, onde possibilitam que atores possam ser o próprio criador dos conteúdos/pauta que estão a sua volta, ou o que o convém aos seus interesses.

Com o desenvolvimento midiático e a presença/interferência das novas tecnologias em comunidades e cidades, vários estudos já apontavam um futuro incerto. Teóricos como Pierre Lévy (1997), JB Thompson (1995) e César Bolaño (1996), discutem além das problemáticas acerca da acessibilidade e conectividade, ou distância delas, às questões sobre a alfabetização digital, economia política da comunicação e discutem também o que é/foi/ou está sendo a convergência digital e midiática no mundo capitalista.

A convergência digital, nada mais é que a fusão entre tecnologias de comunicação digital, computação e mídia online, ou como escreve a jornalista Margaret Rouse em um site⁴⁴: “à facilidade de uso com a qual um usuário pode acessar o mesmo conteúdo em vários dispositivos”. Um exemplo que a jornalista traz no texto *Technological Convergence* (Convergência Tecnológica), é sobre o processo que o jornalismo teve que passar. A maioria dos jornais e outros produtos impressos, que tinham pouca ou nenhuma presença na Internet, tiveram que adequar seus veículos de notícias para a interação com as novas mídias e começasse a oferecer conteúdo em tempo real para aumentar o alcance dos anunciantes e seu público. Isso ocorre pelo fato de a internet transformar também a anterior realidade dos jornais e a migração do público para as novas plataformas.

A convergência digital e tecnológica é sem dúvidas um dos processos da mundialização da internet. Com todos esses avanços neste mundo ‘globalizado’ e tudo se convergindo, empresas de comunicação e provedores de internet, buscam a todo momento se adequar às essas formas de divisão digital e as realidades para a emprego dos meios tecnológicos disponíveis. A economia política da comunicação que Bolaño (1996) discute é com base em nossos comportamentos/manuseios das tecnologias. E assim, vão surgindo cada vez mais estratégias para não perderem determinado público. Mas, que público é esse?

Desde os anos 70, na Conferência Intergovernamental da Política da Comunicação se discute em maximizar a cobertura mediática com a finalidade de garantir que aquelas

⁴³ Redução de preços em telefonia e computação incumbidos pelo próprio mercado, facilidade nos parcelamentos de compras de bens e serviços, são exemplos.

⁴⁴ <https://searchconvergedinfrastructure.techtarget.com/definition/convergence>.

populações menos favorecidas economicamente também pudessem "ter acesso" aos meios (BOLAÑO, 1996, p.2). Mas, infelizmente não é o que presenciamos quando analisamos a realidade da conectividade em cidades e povoados com poucos nós possíveis de estarem ligados a rede mundial de computadores, como vimos o caso da Fazenda Velha.

Infelizmente, ainda existem aquelas pessoas que pensam que os novos formatos de/para acesso à informação/comunicação foram criados apenas para suprir suas necessidades quanto leitor, assinante, pertencente da cultura conectada, e se esquecem de olhar por outro ângulo que diz respeito ao mercado, já citado por Bolaño (2011). O mercado só visa o lucro e exclui lugares com poucos nós da rede. Por mais que esses nós também sejam dotados de direito à informação/comunicação, acabam tendo pouco ou nenhum contato com essa realidade.

Como já deu para perceber, a convergência, fruto da globalização, tem suas positivities, mas, também tem seu lado obscuro, principalmente quando nos referimos à complexidade de fornecer serviços de Internet banda larga de forma igualitária. Castells (2003, p.203) classifica a desigualdade de acesso à internet como “a divisão digital” e que a inclusão digital será de um cidadão “interagido” e não “integrante” (CASTELLS, 1996), ou seja, “eles utilizam de uma forma muito rudimentar os dispositivos e as redes eletrônicas, não alcançando as condições ideais a fim de tirar proveito de todos os benefícios culturais, sociais e econômicos que as mídias digitais oferecem”. (LE MOS; MARQUES, 2012 p.12)

Quando falamos nas desigualdades para a distribuição de internet estamos criticando a forma como os provedores de internet as distribuem e colocamos em xeque também o projeto *Um plano nacional de banda larga: O Brasil em alta velocidade*⁴⁵, que projetava que em 2014 tinha pretensão de massificar a conexão e o uso da internet, principalmente nos lugares mais afastados dos grandes centros. O mencionado plano⁴⁶ falhou e o custo e a disponibilidade do serviço ainda são as principais razões para a não utilização de internet, segundo a pesquisa TIC Domicílios 2017⁴⁷ do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC.br).

⁴⁵ O proposto foi pelo Governo brasileiro em 2010 e começou a ser implementado em 2011, estabelecendo como um de seus principais objetivos diminuir os preços cobrados pelo acesso à internet e oferecendo possibilidades de conexão por todo o país. O documento que serviu de base para fundamentar o plano, criado pelo Ministério das Comunicações, sem usar números específicos define banda larga como aquela que "permita aos consumidores finais, individuais ou corporativos, fixos ou móveis, usufruírem, com qualidade, de uma cesta de serviços e aplicações baseada em voz, dados e vídeo". O plano foi apresentado pelo Ministério das Comunicações à Presidência da República no início de 2010 e teve sua estruturação e início dados oficialmente pelo decreto nº 7175 no dia 12 de maio do mesmo ano. Acesso: <http://www.mc.gov.br/images/pnbl/o-brasil-em-alta-velocidade1.pdf>

⁴⁶ Analisaremos outros aspectos do PNBL no próximo capítulo.

⁴⁷ Ver pesquisa completa: <https://cetic.br/tics/domicilios/2017/domicilios/A10/>. Acesso 22/08/2018.

Com isso, os provedores⁴⁸ de internet, investem muito dinheiro para levar a alguns lugares a sonhada ferramenta. Essa realidade impacta diretamente no bolso do consumidor final, na forma de taxas mais altas quando se contrata os serviços. Isso faz com que comunidades periféricas/excluídas das redes digitais online apareçam ou apareçam parcialmente no mundo das nuvens, afinal nem todos os lugares possuem conexão e quando possuem, nem todos podem pagar por ela.

Os conceitos de exclusão digital e comunidades periféricas, trabalhados na era da informação, que estamos utilizando, diz respeito diretamente a exclusão digital vinculada ao não acesso à rede mundial de computadores como foi proposto por Silveira (2003) em seu texto *Inclusão Digital, software livre e globalização contra-hegemônica*. A inclusão⁴⁹, por outro lado, dependerá de alguns elementos, tais como, o computador, o telefone, o provimento de acesso e a formação básica em softwares aplicativos (SILVEIRA, 2003 p.2). E, nem todos possuem esse acesso.

Essa realidade nos retorna à discussão acerca dos benefícios que as mídias digitais oferecem, como já mencionada por Lemos e Marques (2012 p.12), bem como a leitura que Barbero fez em 2008 ao analisar um dos pontos chave para a preservação da cultura na era da instantaneidade. Para o autor:

A mesma convergência digital que pode guardar as memórias dos nossos povos, com hipertextos e linguagens contemporâneas, nas nuvens, é a mesma convergência que pode, a partir dos estudos culturais, destruir, extinguir ou mudar determinadas culturas. A internet possui muitas dimensões armazenadoras na mesma medida que possui muitas dimensões emancipatórias (BARBERO, 2008, p.15).

Barbero (2008) debate mais uma problemática advinda desses processos globalizantes, que é a mudança no comportamento cultural de determinadas localidades e entende a internet como um direito habilitador do exercício da cidadania na era digital. Se esse processo não chegar para todos, de forma igualitária, as memórias desses povos que poderiam ser também

⁴⁸ Alguns provedores de internet têm possibilidades de serem financiados pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Esse ano o Banco Nacional vai atender provedores com financiamento de até R\$ 1 milhão. Ver: <http://www.telesintese.com.br/bndes-vai-atender-diretamente-provedores-com-projetos-de-financiamento-de-r-1-milhao/>. Infelizmente, em nossas pesquisas para saber se os provedores de internet da região da Chapada Diamantina tiveram acesso a esse benefício, não conseguimos ter acesso as essas informações. Uma vez que os provedores locais e regionais possuem donos e os mesmos não forneceram nenhum dado referente. Vale lembrar também, que esses investimentos passam pelas mãos dos gerentes do departamento de Banda Larga da Secretaria de Telecomunicações do Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), projeto ao qual citamos acima. Acesso ao link em 22/08/2018.

⁴⁹ O PNBL pode ser visto como um plano de inclusão digital. A discussão sobre a inclusão digital está presente na agenda das políticas públicas governamentais desde 1999, quando o Governo Federal lançou o Programa Sociedade da Informação, por meio do Decreto nº 3.294 em 15 de dezembro. (LEMOS; MARQUES, 2012, p.9)

armazenadas, vão acabar ficando no canto dos esquecimentos, da exclusão, na periferia da era digital. Portanto, tomamos da mesma fala de André Lemos e Francisco Marques quando nos referimos à importância de estarmos todos no processo de universalização:

A inclusão digital não é alcançada apenas quando se dá computadores ou acesso à internet, mas quando o indivíduo é colocado em um processo mais amplo de exercício pleno de sua cidadania. A inclusão digital deve, consequentemente, ser pensada de forma complexa, a partir do enriquecimento de quatro capitais básicos: os capitais social, cultural, intelectual e técnico (LÉVY, 1998; LEMOS, 2007). O capital social é aquele que valoriza a dimensão identitária e comunitária, os laços sociais e a ação política. O capital cultural é o que remete à história e aos bens simbólicos de um grupo social, ao seu passado, às suas conquistas, à sua arte. Já o capital técnico é o da potência da ação e da comunicação. É ele que permite que um grupo social ou um indivíduo possa agir sobre o mundo e se comunicar de forma livre e autônoma. O capital intelectual é o da formação da pessoa, do crescimento intelectual individual com a aprendizagem; evidencia a troca de saberes e o acúmulo de experiências. (LEMOS, MARQUES, 2012 p.19)

Até aqui percebemos que a internet tem um papel fundamental na vida do ser humano contemporâneo. Existe casos, que refletem o estado das relações líquidas, a exemplo do afastamento familiar (como citamos no item 2.1). Isso pode ser visto a partir dessa modernidade, “massificação” e intensa relação ao mundo “globalizado”. Por isso é imprescindível que todas comunidades se fazem presentes e pertencentes cultura. Não somente pelo fato de cair nos localismos, mas entender que se não estiver conectada a nova realidade, os valores sociais, culturais, intelectuais e políticos podem está em risco. Mas, antes de entender esse aspecto, no próximo item, vamos apresentar como acontece a distribuição de internet banda larga dentro da mencionada APA, utilizando a metáfora *Domo* como ferramenta metodológica para seu entendimento.

2.3. O QUE É DOMO?

A ideia de domo surge a partir de uma série de TV Americana chamada *Under The Dome*. A série tem três temporadas e um total de 39 episódios. No Brasil, foi exibida pela Rede Globo e pela TNT com nomes distintos: *Under The Dome: Prisão Invisível* e *O Domo*, respectivamente.

O drama conta uma história de suspense, fantasia, mistério e ficção científica. Foi desenvolvida por Brian K. Vaughan, baseada no livro de Stephen King, que tem o mesmo nome da série. A história se passa na cidade de *Chester's Mill*, no Maine, onde uma grande e invisível cúpula indestrutível de repente isola os moradores do resto do mundo.

Sem acesso à internet, telefone e televisão, as pessoas presas dentro do domo devem encontrar suas próprias maneiras de sobreviver com a diminuição dos recursos e as crescentes tensões. Enquanto presos, as forças militares, o governo e os meios de comunicação posicionados fora da barreira tentam derrubá-la e um pequeno grupo de pessoas presas lá dentro tenta descobrir o que é, de onde veio e quando (e se) a cúpula vai embora (bem parecido com a comunidade em estudo). Mas o que queremos com isso?

A ideia é que o trabalho utilize *domo*, *pequenos e grandes domos*, *redoma/bolha* como metáfora para entender dois acontecimentos. O primeiro deles se dedicará a entender a distribuição de internet banda larga em pequenas e grandes cidades e localidades, utilizando as ferramentas metodológicas *domos pequenos* e *domos grandes*, para representar e perceber a densidade de conexão das cidades, levando em consideração dois aspectos, que apresentaremos a partir de agora.

O primeiro aspecto, nos retorna as discussões sobre a transformação dos integrantes da sociedade em mercadoria, feitas pelo sociólogo Bauman (2008). Para ele, todos, desde os jovens e adolescentes que estão todos os dias nas redes sociais⁵⁰, tentando atrair atenção para eles; aqueles que estão lutando para acumular pontos, como prova de existência de uma demanda para seus requerentes; e ainda, os que querem e tem a possibilidade de ampliar seus registros de gastos e limites de créditos, são tratados como mercadorias e estão a todo momento tentando mostrar o seu valor e escancarar a própria plaquinha de vende-se (p.12-13).

Complementando essa análise, Bauman ainda diz que as três categorias de pessoas, apresentadas no parágrafo acima – e acreditamos que outras classes da sociedade também:

São, ao mesmo tempo, os promotores das mercadorias e as mercadorias que promovem. São, simultaneamente, o produto e seus agentes de marketing, os bens e seus vendedores (e permitam-me acrescentar que qualquer acadêmico que já se inscreveu para um emprego como docente passou para receber fundos de pesquisa vai reconhecer suas próprias dificuldades nessa experiencia). (BAUMAN, 2008, p.13)

A sociedade de consumidores é na verdade – “ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos próprios consumidores em mercadorias” (BAUMAN, 2008, p.20). E, mesmo que se utilize do marketing pessoal, também citado pelo sociólogo, é importante deixar claro, que todas as empresas, inclusive as de distribuição de internet, as quais nos interessam, vão identificar e classificar os clientes menos valiosos e separa-los dos que possuem mais valor.

⁵⁰ Redes sociais nos sentidos online e offline. Tentando permanecer no jogo da sociabilidade. (BAUMAN, 2008, p.12)

Elas precisam de uma forma para alimentar o banco de dados com o tipo de informação capaz, acima de tudo, de rejeitar os “consumidores falhos” – ervas daninhas do jardim do consumo, pessoas sem dinheiro, cartões de crédito e/ou entusiasmo por compras, e imunes aos afagos do marketing. Assim, como resultado da seleção negativa, só jogadores ávidos e ricos teriam a permissão de permanecer no jogo do consumo. (BAUMAN, 2008, p.11)

E, vale pontuar que, quanto maior o número dessas *mercadorias* – mercadorias que possuem dinheiro – presentes em uma localidade, domo ou rede, maior será sua importância, o interesse das empresas de distribuição de internet seria maior e em consequência disso, ofereceriam maiores e melhores índices de conexão.

Pegando a linha de pensamento da Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura (EPICC), discutida por Marcos Dantas (2012), o que temos que levar em consideração é exatamente a teoria da transformação. Para ele,

o capital vem investindo pesadamente, nas últimas décadas, nas indústrias de comunicação suportadas na base técnica digital. Hoje, esse complexo que inclui os fabricantes de equipamentos e sistemas, as operadoras de telecomunicações, produtores audiovisuais, emissoras de televisão aberta ou fechada, o crescente setor de videojogos e a já onipresente, parece até que onisciente internet, soma cerca de 7% do PIB mundial (UNCTAD, 2008; IDATE, 2009). E apenas está começando a crescer. (DANTAS, 2012, p.295)

Como percebemos, a internet teve e tem um valor significante, tanto na mudança de interação da sociedade, quanto para o crescimento da riqueza do mundo. Mas, até aqui, só falamos da transformação da sociedade em mercadoria e a importância de se ter muitos nodos para que determinado lugar seja visado pelas empresas de distribuição de internet. E, para medir a densidade dos domos, o segundo aspecto é exatamente a riqueza que denominamos como Produto Interno Bruto (PIB)⁵¹.

O Plano nacional de Banda Larga (PNBL), já mencionado, informa que a internet seria um dos pilares para o aumento dessa riqueza, como também observa Dantas (2012). Essa ideia também foi percebida por dois autores, em 2010, quando em análise viu que “há uma relação direta entre o aumento do PIB e a velocidade de acesso e universalização dos serviços de internet. Segundo dados do Banco Mundial, a cada aumento de 10% nos serviços de banda larga há um incremento de 1,4% no PIB”. (VERSIGNASSI; NOGUEIRA, 2010 *apud* LEMOS; MARQUES, 2012 p.15)

Porém, o exemplo anterior é dado em uma realidade já conectada à rede mundial de computadores e a internet. Mas, o que percebemos quando analisamos os índices de conectividade e a distribuição de internet, nas cinco cidades (Seabra, Iraquara, Palmeiras,

⁵¹ Outro elemento que vamos utilizar para entender a distribuição de banda larga é o PIB per capita.

Lençóis e Andaraí) que compõem a Área de Preservação Ambiental Marimbus Iraquara (APA Marimbus - Iraquara), é algo que acontece de maneira contrária. Os exemplos que mostraremos mais adiante, nos diz que, na verdade, quanto maior for o PIB e quanto maior o número de habitantes, maior será a velocidade de conexão e os planos mais baratos se compararmos com as outras localidades. Em consequência disso, quando a internet for (ou não) distribuída nos lugares mais pobres os índices de conectividade será menor ou ainda inexistentes, se levarmos em consideração os aspectos já mencionados. Ou seja, as sociedades ricas “usam com intensidade as redes informacionais para se comunicar, armazenar e processar informações, enquanto os países pobres e em desenvolvimento têm suas populações distantes dos benefícios das redes informacionais” (SILVEIRA, 2003 p.6).

Como percebemos, a densidade desses domos se dará não somente pela quantidade de pessoas (nó, nós, nodos), existentes em determinadas regiões, mas, tem haver também com a riqueza que determinadas localidades produzem. O que falamos no capítulo anterior, sobre a inclusão e exclusão digital, dialoga muito com o que estamos discutindo. A região mais rica e que possui mais nodos ativos no mercado (grandes domos), sempre vão possuir (e usufruir) os índices de conectividades melhores que as regiões mais pobres e com poucos nós de conexão (pequenos domos). Afinal, “a quem deve atrair o novo sistema? Aqueles com mais dinheiro para investir e mais habilidade para ganha-lo” (BAUMAN, 2008, p.11). Entretanto, como falamos anteriormente, as metáforas não serão apenas entendidas dessa maneira.

Quanto ao segundo acontecimento, utilizaremos em termos simbólicos a *redoma/bolha* para explicar o fenômeno da Fazenda Velha. Anteriormente, chamamos a comunidade de *pequeno domo*. Assim como a história da mencionada série, os moradores estão dentro de uma espécie de *redoma*, que é mais forte que eles – os limites geográficos da *redoma* é o PNCD. O Parque, não deixa ter energia elétrica, não deixa instalar pontos de conexão, externa as conexões existentes e os isolam de tudo, inclusive dos processos de modernização.

As conexões existentes dentro da Fazenda Velha são os vínculos com o passado, com sua cultura, costumes e seus laços familiares, que são construídos e desenvolvidos através dos séculos de história. E, mesmo que os moradores saiam e vão para os limites dessa *bolha*, em outras palavras, mesmo que eles saiam do lugar de onde vivem e vão para outros espaços, eles não conseguem se distanciar do *domo* em que vieram. Isso se explica, pois, a ideia do *domo*, não se explica somente pelo limite espacial. Sempre terão aspectos e características que o liga ao local e faz com que apareça uma barreira para além do espaço, que além disso, diferencia um grupo social de outro.

Mesmo que os comunitários saiam da Fazenda Velha e vão para Andaraí, por exemplo, sempre terá uma espécie de *domo* que os acompanha. A visível construção dessa *redoma* se dá pelo fato de ser um povo majoritariamente negro, que é o caso de ser quilombola, vindo de comunidade rural, ou seja, sua identidade e a sua construção cultural carregada por eles, diante de uma sociedade que possui uma carga racista muito forte. Saindo da *bolha* Parque, eles terão acessos com as conexões virtuais, bem melhores que as existentes no local, e isso faz com que os níveis de acesso da comunidade não sejam tão nulos. Entretanto, o último fato só acontece pela pequena quantidade de pessoas que conseguiram sair, mesmo que de forma metafórica, do *pequeno domo*.

Resumidamente, durante o trabalho, a ferramenta *domo*, além de estar sendo utilizada para entender a distribuição de internet banda larga na região (que será apresentada em breve), também estará sendo utilizada para entender que, além de todos os dados apresentados, haverá outros aspectos para interpretar a exclusão digital de uma zona fronteira – em que a lei dos parques nacionais os exclui e por outro lado é um povo inexistente vivendo em terra de ninguém (já que precisam de documento emitido pelo INCRA para provar que são povos remanescentes de quilombo). Mas, antes de falar da ralação da comunidade com os novos modelos de comunicação e interação, bem como suas conexões, vamos entender como se dá a distribuição da internet.

2.4. DISTRIBUIÇÃO DE BANDA LARGA: DO BRASIL À FAZENDA VELHA

O teórico e sociólogo espanhol Manuel Castells, já citado com a sua obra, *A galáxia da internet* (2003), traz um panorama entre 1995 e 2010 sobre a quantidade de pessoas conectadas à rede mundial de computadores. Nesta pesquisa estimava-se que, mesmo levando em conta a desaceleração da implantação da internet em lugares mais pobres, a exemplos dos sertões, ou domos com densidades menores ou de menor importância, cerca de dois bilhões de pessoas estariam conectados.

POPULAÇÃO ONLINE

Pessoas conectadas à internet já são 3,2 bilhões

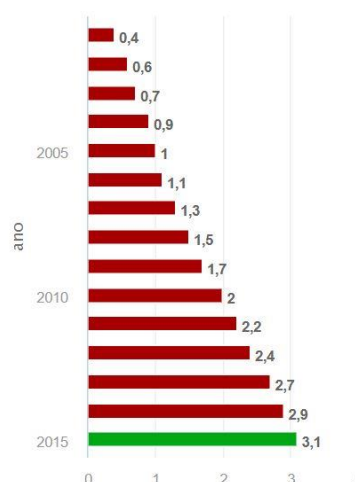


Figura 4. Internautas em bilhão. Fonte: União Internacional das Telecomunicações (UIT)

Segundo a pesquisa feita pela União Internacional das Telecomunicações (UIT), nos mostra que a aposta do sociólogo estava correta. Em 2018, oito anos após o panorama apresentado por Castells, somos mais de 4 bilhões de pessoas (53% da população mundial) conectadas à rede mundial de computadores, como nos mostra a última pesquisa⁵² realizada pela *Hootsuite* em conjunto com a empresa *We are social*:

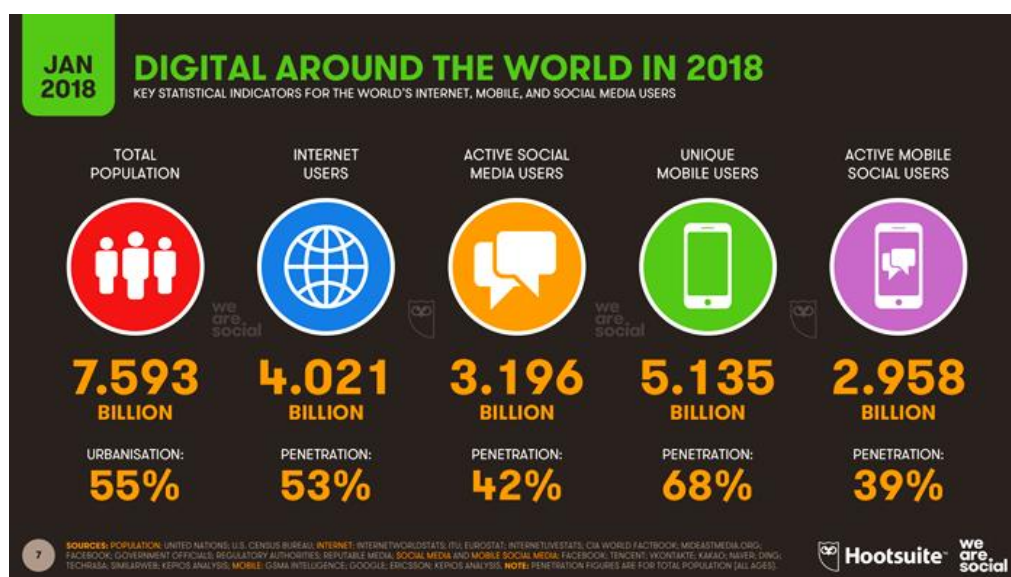


Figura 5. Digital in 2018 revela as estatísticas globais da internet. Fonte: We Are Social e Hootsuite

⁵² A pesquisa está disponível nos sites da <https://wearesocial.com/>, da <https://hootsuite.com/pt/>, na página <https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018> e na página do <https://www.tecmundo.com.br/internet/126654-4-bilhoes-pessoas-usam-internet-no-mundo.htm>. Acesso em 24/08/2018.

Chegando mais perto, a realidade brasileira não vai muito distante. Segundo dados da última avaliação feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁵³, de 2016, 64,7% de nós estão conectados no país. Mas, por maiores que sejam os avanços e as inovações nas políticas de comunicação e conectividade no Brasil (MOREIRA, 2018), somos ainda 63,3 milhões de nodos offline. Segundo nos mostra a mesma pesquisa, os dados da exclusão digital, não fogem dos dados da exclusão social. No mesmo ano, o próprio IBGE divulgou que cerca de 52 milhões de brasileiros estão abaixo da linha da pobreza. Isso responde o questionamento que Silveira fez em 2003 na introdução do seu artigo (p.1). Tem alguma ligação entre esses dados? Provavelmente.

André Lemos e Francisco Marques (2012), quando analisaram os limites e os efeitos sociais e políticos do PNBL, já identificaram o Brasil como um dos maiores expoentes da atual cultura digital. Para eles, “o fenômeno ocorre não obstante os altos custos de conexão e a escassa cobertura provida por operadoras em regiões distantes das grandes metrópoles” (p.1). De certa forma, os autores já classificam a distribuição da internet banda larga no Brasil, levando em consideração os aspectos apresentados no início do capítulo. Afinal, são nas grandes metrópoles (onde estão inseridos os grandes centros de produção industrial/financeiro) que circulam mais dinheiro, a quantidade de pessoas presentes nelas são maiores que em cidades de interior e consequentemente os índices de conexão são maiores.

Considerando o *domo* Brasil, “o número de internautas só aumenta, segundo dados do IBGE” (LEMOS; MARQUES, 2012 p.7). Porém, a mesma pesquisa, feita pelo instituto⁵⁴, revelou que, na região Sudeste, a mais rica do país, como mostra a figura 1, os lares que possuíam computador respondiam por 54,2% da amostra. O índice é bem superior aos dados verificados em regiões mais pobres, como a Norte (onde os computadores se fazem presentes em 28,1% dos lares) e a Nordeste (com 29,9% dos domicílios pesquisados a possuírem computadores). Em área rural, o percentual de domicílios com microcomputador mais elevado foi a da Região Sul (31,5%), ficando mais próximos os das Regiões Sudeste (22,5%) e Centro-Oeste (20,4%), enquanto os das Regiões Norte e Nordeste não chegaram a 10%.

⁵³ Ver <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>. Acesso em 24/08/2018.

⁵⁴ A pesquisa realizada pelo IBGE que LEMOS e MARQUES (2012) citam no texto de autoria deles eram referentes ao ano de 2005. A pesquisa apresentada neste texto é a mais recente (2016).

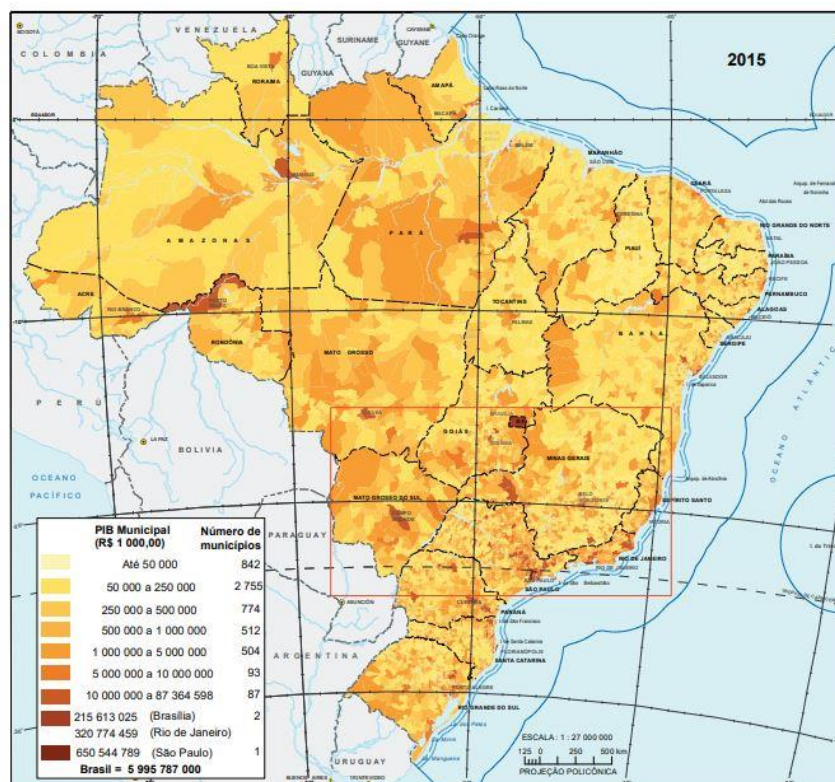


Figura 6. Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais e Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.

O acesso e a distribuição da internet, por sua vez,

já estava disseminada na maioria dos domicílios em todas as Grandes Regiões, sendo usada em 76,7% das residências da Sudeste, 74,7% da Centro-Oeste e 71,3% da Sul, ficando em 62,4%, na Norte, e 56,6%, no Nordeste. Em área rural, o uso da Internet ainda estava abaixo da metade dos domicílios em todas as Grandes Regiões, embora já ultrapassasse 40% nas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, mas não alcançava 30% nas Regiões Norte e Nordeste. (IBGE, 2016, p.16)

Essas discrepâncias nos dados, podem ser compreendidas com outra informação importante da mesma pesquisa, que revela que o principal motivo pela não utilização da internet na região Norte e Nordeste, está diretamente ligada ao custo dela⁵⁵.

O diagnóstico que justifica o atual PNBL se refere ao fato de que o país está atrasado se comparado aos outros países chamados de “emergentes”, com serviços caros, concentrados em poucas regiões e estados (Rio e São Paulo) e lentos, configurando um quadro de pouca agressividade política para reverter essa situação. (LEMONS, MARQUES; 2012 p.10)

⁵⁵ Nas Grandes Regiões, nos domicílios em que não havia utilização da Internet, o motivo que mais se destacou para não a usar foi a falta de interesse em acessá-la, exceto no Nordeste em que ficou em segundo lugar. O motivo mais apontado nessa Grande Região foi o serviço de acesso à Internet era caro, que foi o segundo mais indicado nas Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste. (IBGE, 2016, p.18)

Herscovici faz uma crítica ao fracasso de várias políticas públicas “pelo fato de seus promotores acreditarem que a diminuição dos preços dos bens culturais se traduziria obrigatoriamente por um aumento da participação das classes mais populares”. (HERSCOVICI, 2014, p.12). Percebemos que além da concentração do uso da internet nos *grandes domos* (como apresentamos na figura 2), quando ela chega aos *pequenos domos*, chega com um índice de conexão menor e mais cara. Para nós, isso se dá pelos aspectos apresentados (quantidade de habitantes e riqueza produzida). Em consequência disso, existe outro fator importante que diz respeito a quantidade de provedores existentes em cada localidade; enquanto nos grandes domos existem vários provedores e mais concorrência a consequência será disputa de público e preços baixos.



Figura 7. Mapa mostra as regiões com internet mais rápidas no Brasil (as áreas quentes representam as áreas mais veloz). Fonte: site MinhaConexão.

No primeiro semestre desse ano, um dos sites mais confiáveis em avaliar as conexões de internet banda larga no Brasil, divulgou o mapa apresentado, que nos mostra onde está a concentração dos maiores índices de velocidades do país. Pegando a figura 1 e comparando com a figura 2, chegaremos à conclusão de que, de fato, a distribuição de internet banda larga está diretamente ligada com a riqueza produzida pelos *grandes domos* e pela quantidade de pessoas (*mercadorias*) presentes nela. Herscovici (2014) percebeu isso quando analisou as redes sociais de interação online em que o valor da rede, *do domo*, dependiam da quantidade de

usuários: “quanto maior esta quantidade, maior o valor que a firma que controla a rede poderá negociar para vender seus espaços publicitários” (HERSCOVICI, 2014, p.10)

2.4.1. DISTRIBUIÇÃO DE BANDA LARGA NA APA MARIMBUS/IRAQUARA

A APA é uma Unidade de Conservação (UC) pertencente ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC⁵⁶) e hoje administrada pela Coordenação de Desenvolvimento de Turismo (CODETUR). Diferente do PNCD que é administrada pelo (ICMBio), órgão federal, a APA é administrada e assessorada por um comitê integrado pelas APAs, INEMA, prefeituras das cinco cidades (Andaraí, Seabra, Palmeiras, Lençóis e Iraquara), representantes de associação do setor de turismo, trabalhadores rurais e ONG's da região. É uma área conhecida como protegida, que necessita de cuidados e que podem ser utilizadas de forma sustentável com certo grau de ocupação humana, dotada de atributos naturais, estéticos e culturais importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações (SNUC, 2000).

A APA Marimbus/Iraquara, foi criada em 14 de junho de 1993, mediante Decreto Estadual nº 2.216 e fica localizada no centro do estado da Bahia, na Chapada Diamantina. Suas linhas delimitam as terras dos municípios listados acima, totalizando uma área de 125.400 hectares. Segundo a Secretaria de Meio Ambiente do Estado da Bahia - SEMA, a APA Marimbus/Iraquara consiste em um importante instrumento de conservação dos diversos ecossistemas existentes dentro de seus limites, como o pantanal do Marimbus, gerado pela confluência dos rios Santo Antônio, Utinga e São José com uma fauna e flora de grande valor ambiental, localizado ao sul da referida UC; formação geológica calcária, salitre, com inúmeras grutas e cursos d'água, além de formação montanhosa, a exemplo do Morro do Pai Inácio e Morro do Camelo.

É uma área onde vivem pouco mais de 104 mil pessoas segundo IBGE e sua gente sobrevive dos encantos, como é conhecida a Chapada Diamantina, mas, dentro de toda essa beleza existem muitas contendas. Há exemplo dos conflitos socioambientais, de terra, de identidade e cultural, entre comunidades e políticas governamentais sobre o meio ambiente (que abordamos anteriormente) e sobretudo uma guerra⁵⁷ que giram em torno do bem mais preciso

⁵⁶ É um conjunto de normas e procedimentos oficiais que possibilitam às esferas governamentais federal, estadual e municipal, bem como à iniciativa privada, criar, implementar e gerir no país as unidades de conservação (que são as representantes no Brasil do que internacionalmente é conhecido como área protegida), sistematizando assim a conservação da natureza no Brasil. (BRASIL 2000. Lei Federal Nº 9.985 de 18/07/2000).

⁵⁷ Vandana Shiva (2006) afirma que a disputa pela água está na origem de grande parte dos conflitos entre os países. A utilização da palavra guerra é uma inspiração do livro Guerras por água, da física, filósofa e feminista.

da vida, a água. Mas, nesse trabalho, o conflito ou desconexão que iremos analisar tem a ver com a distribuição de internet banda larga.

No território da APA, conseguimos catalogar 12 provedores de internet⁵⁸ com planos e valores bem distintos. As tecnologias mais utilizadas são internet via rádio⁵⁹, também conhecida como *Fixed Wirelss Acces*, que está presente por toda essa região e recentemente a conexão por fibra óptica⁶⁰, presente apenas em Seabra, Palmeiras e Lençóis. A diferença entre as duas conexões gira em torno de estabilidade e comodidade/acessibilidade, ou seja, enquanto a internet via rádio é a solução para lugares mais afastados dos *grandes domos*, a conexão por fibra óptica oferece mais velocidade e está mais presente nos centros urbanos.

Existem também a Oi Velox e a Huglesnet, porém as excluímos das análises por dois motivos. Uma ainda precisa de telefone fixo e a outra oferece os mesmos serviços e planos para todo Brasil. Essa segunda, trata-se de uma internet disponível via satélite.

Com os 12 provedores de internet conseguimos identificar e cataloga-las em quatro grupos:

1. Velocidade de navegação lenta: de 512 Kbps⁶¹ a 2 MB⁶². Os valores ficam entre R\$ 49,90 e R\$ 90,00;
2. Velocidade de navegação média: de 4MB a 6MB⁶³. Entre R\$ 74,90 e R\$ 139,90;
3. Velocidade de navegação rápida: de 8MB a 10MB⁶⁴; Entre 219,90 e 269,90; e
4. Velocidade de navegação super-rápida: acima de 10MB⁶⁵. Com valores que vão de 79,90 a 500,00.

*Os planos disponíveis dentro das cidades da APA/Marimbus Iraquara vão de 512Kbps a 150MB⁶⁶.

**Os planos acima de 10MB é usado rede de fibra óptica.

Analise os gráficos a seguir:

⁵⁸ Ver referências.

⁵⁹ A conexão via rádio funciona em três etapas. 1. A internet; 2. Ponto de transmissão; 3. Antena receptora do sinal.

⁶⁰ Já a internet por fibra óptica, um cabo é instalado até a casa do cliente. Este cabo é composto geralmente por vidro, plástico e um tipo de manta para proteção contra impacto e torções. Os dados percorrem toda a extensão do cabo, da central da operadora até o modem

⁶¹ Oferecida nas cidades Iraquara, Palmeiras e Andaraí.

⁶² 1MB: Iraquara, Palmeiras e Andaraí; 2MB: Palmeiras, Lençóis, Iraquara e Andaraí;

⁶³ 4MB e 5MB: todas as cinco cidades; 6MB todas, menos Palmeiras.

⁶⁴ De 8MB a 30MB: Seabra, Palmeiras e Lençóis.

⁶⁵ Acima de 30MB até 100MB: Seabra e Lençóis.

⁶⁶ Entre 100 e 150MB: Lençóis.

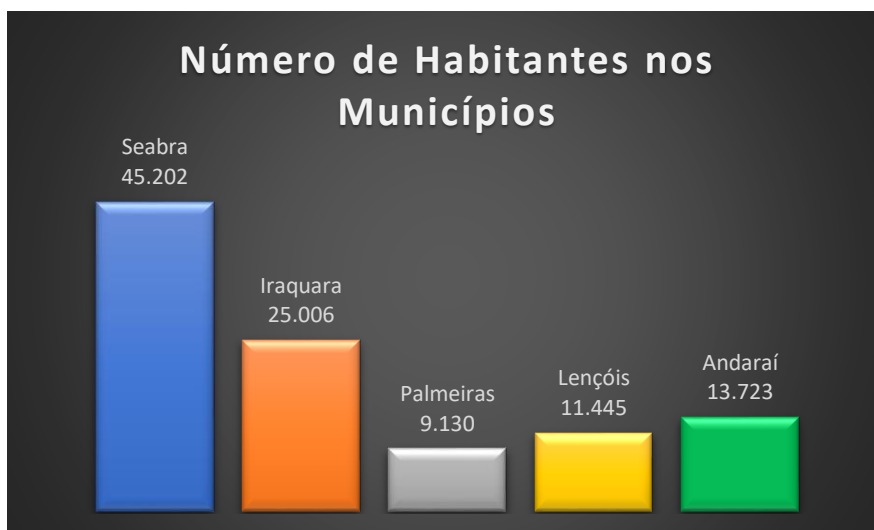


Figura 8. Número de habitantes em cada município pesquisado. IBGE 2015

Levando em consideração somente a quantidade de nós em cada município, é visível quem são os maiores e menores *domos* da região. Seabra e Iraquara são as cidades com maior número de habitantes, seguido por Andaraí, Lençóis e Palmeiras. Pela construção histórica, Seabra se torna o polo comercial da Chapada Diamantina. E os reflexos disso a gente consegue identificar com o mapa do PIB dos municípios analisados.



Figura 9. Produto Interno Bruto (PIB) produzido por cada município no ano. IBGE 2015.

A mesma sequência aparece na figura 9, comparado com a figura 8. Até aqui, o que se percebeu é que a densidade dos *domos* Seabra e Iraquara são bem maiores se relacionado com os demais. Palmeiras, até aqui é o menor *domo* presente na APA Marimbus. Mas, como fica a divisão do PIB per capita?

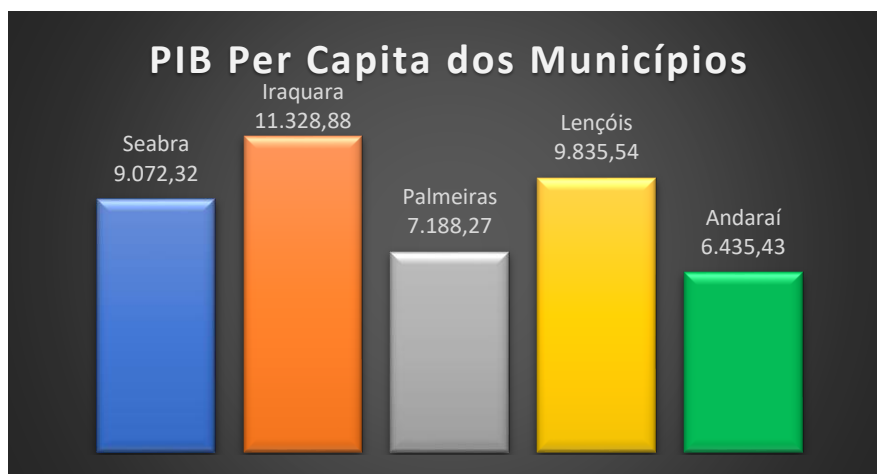


Figura 10. PIB Per capita dos municípios. IBGE 2015

Quando dividimos a riqueza produzida pela quantidade de nós dos domos, muda-se tudo. Considerando os dados apresentados nas figuras 8, 9 e 10, podemos perceber que nem sempre o *domo* que possui maior número de habitante e maior riqueza em PIB, vai possuir o maior PIB per capita. Olhando apenas a figura 8, Seabra aparece sendo o *maior domo* da APA/Marimbus. Porém, se pegarmos sua riqueza (R\$ 410.808) e dividirmos pela quantidade de nodos que a há na cidade (45.202) seu PIB per capita (R\$ 9.072,32) fica abaixo dos municípios de Iraquara (R\$ 11.320,88) e Lençóis (R\$ 9.835,54).

Quiçá essa realidade se dê especialmente pela quantidade (menor) de habitantes existentes nas duas diferentes cidades conferidas. Mas, é importante destacar ainda que, ao decorrer da história, Seabra foi se firmando como principal polo comercial da região e o aumento do PIB tanto em Iraquara quanto em Lençóis, se dá sobretudo pela hospedagem maior do turismo, dessemelhante de Seabra. É bom lembrar também, que na cidade de Iraquara está instalada uma das maiores usinas de biodiesel do norte-nordeste, a Oleoplan, empresas de energias renováveis (Eólicas) e sobretudo a agricultura familiar – ainda muito presente na economia do município. Isso significa que, a renda líquida produzida por esse *domo*, pode estar concentrada na mão de poucos.

Outro ponto que conseguimos identificar foi: por maior que a cidade de Andaraí contenha mais nós (13.723) que a cidade de Palmeiras (9.130) e que seu arrecadamento em PIB seja consideravelmente maior (R\$ 88.313 – R\$ 65.629, respectivamente), a realidade varia da mesma forma que acontece quando avaliamos os dados da cidade de Seabra, Iraquara e Lençóis. Considerando as observações, entendemos que Andaraí seja o *menor domo* da APA Marimbus Iraquara.

A conferência desses dados tem um valor muito importante quando cruzamos também os planos, preços e qualidade de internet disponíveis na região.

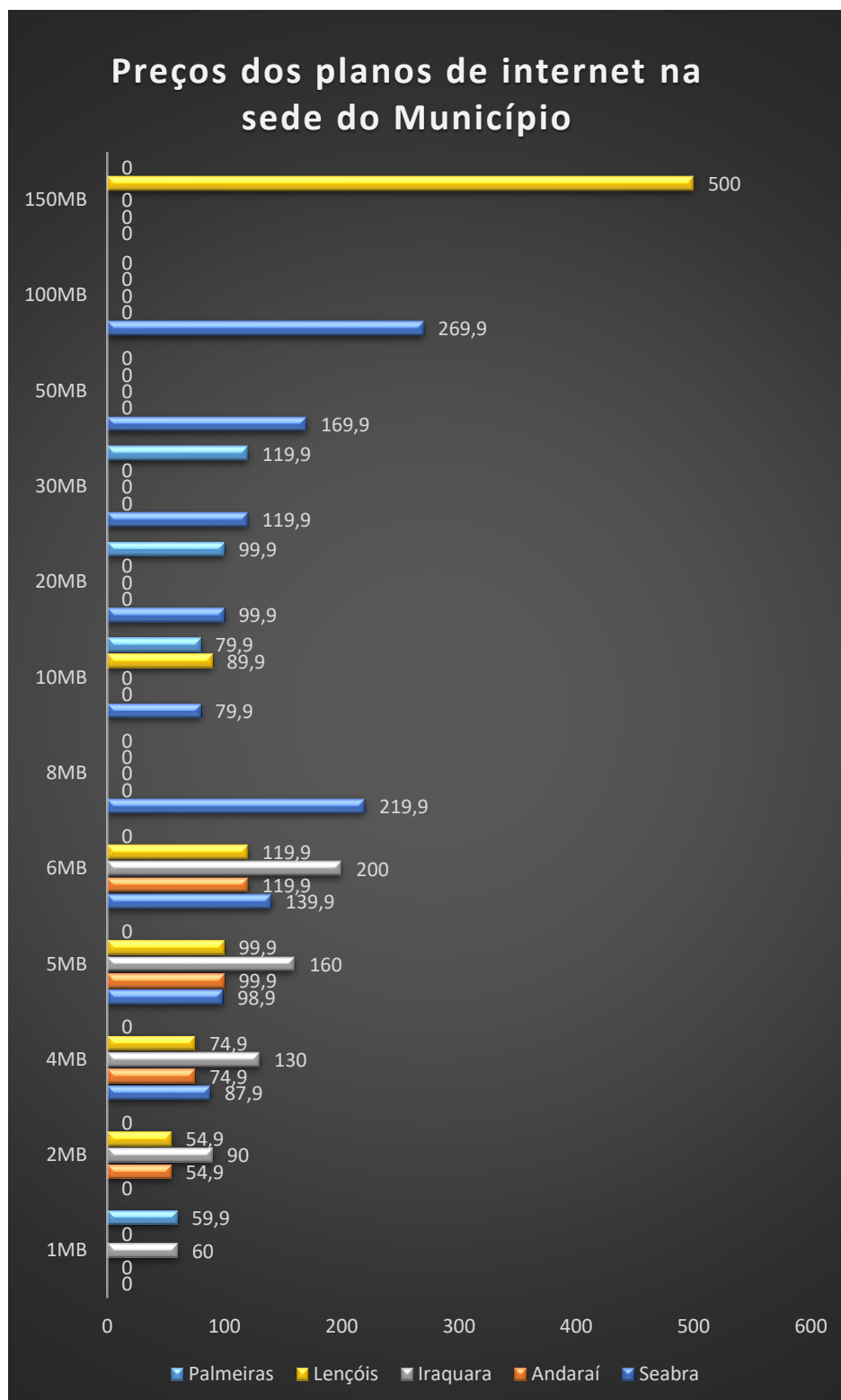


Figura 11. Planos, preços e distribuição de internet banda larga nas sedes das 5 cidades.

Notem que, a cidade que possui mais planos e oportunidades é a cidade de Seabra (9) seguida de Lençóis (6), Iraquara (6), Palmeiras (4), e Andaraí (4).

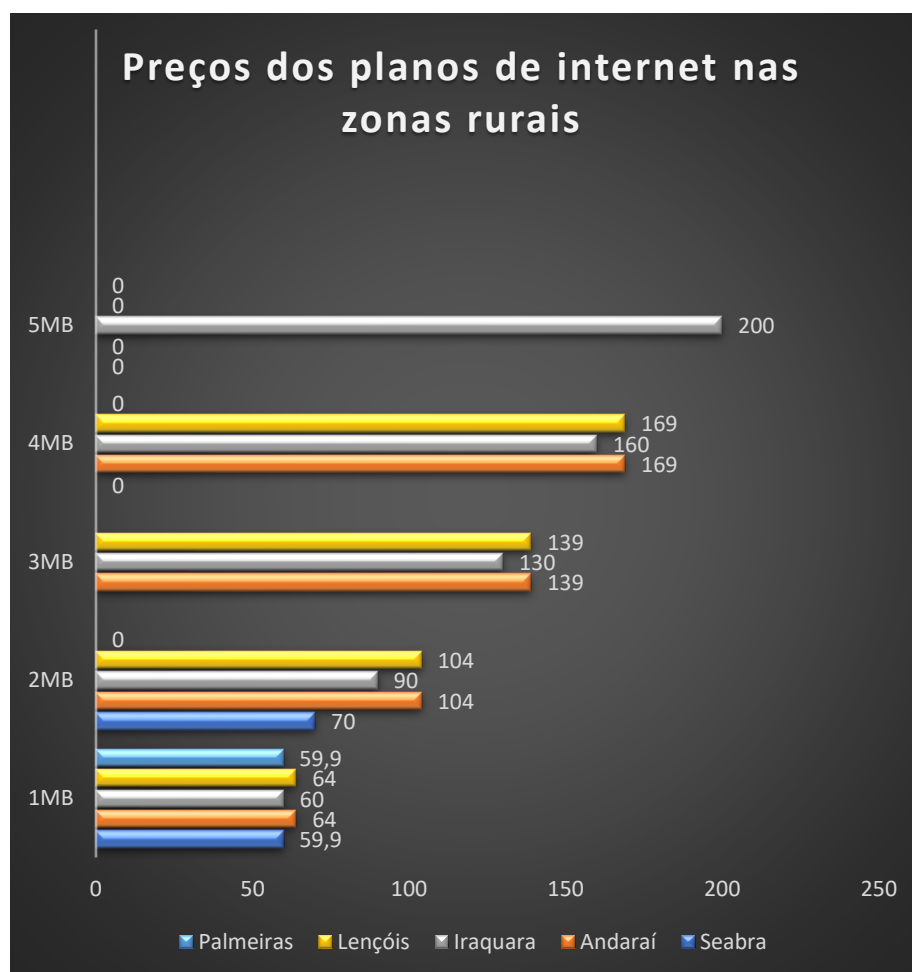


Figura 12. Planos, preços e distribuição de internet banda larga nas zonas rurais dos municípios.

Assim como nas figuras 6 e 7, onde apresentamos a concentração da maior riqueza do Brasil e também as maiores índices de conectividade e velocidade da internet (na região Sudeste), ao analisar as figuras que as segue (8, 9, 10, 11, e 12) percebemos também que, quanto maior for a densidade do *domo*, maior será a qualidade e menor valor a ser pago pelo serviço (mesmo que os valores e serviços sejam bem destoantes a de outras regiões do país). Os *domos* (Palmeiras, Lençóis e Seabra), levando em consideração os dois aspectos apresentados no item 2.3, possuem conectividade e qualidade bem melhor que as outras duas cidades. A cidade de Lençóis possui planos de até 150 MB, Seabra 100 MB e Palmeiras 30 MB, ambas com conexão via fibra óptica. Porém, é bom citar que, por mais que Iraquara apareça com o maior PIB Per capta do território, a sua conexão não passa de 5 MB.

Até a figura 11 já existem muitas diferenças entre os planos e os valores pagos pelo serviço de internet banda larga no território. Entre a cidade de Lençóis e Andaraí, esses valores

são muito parecidos quando analisado os planos de até 8 MB (a Ibsol, um dos provedores, atende na sede das duas cidades). A diferença entre elas está centrada na qualidade de conexão. Enquanto Lençóis possui planos até 150 MB (disponibilizado pela Malagueta Net), como dito, a cidade de Andaraí não possui conexão maior que 8 MB (mesmo que a Malagueta Net também atenda na região). O *menor domo*, onde se encontra a Fazenda Velha, possui as piores conexões e preços mais elevados.

Lençóis é um domo em que o patrimônio histórico do passado (dos diamantes) e o capital do turismo hoje, fazem com que a cidade tenha a maior velocidade de internet da Chapada. O município é o centro cultural da Chapada Diamantina e considerado o ponto central de atração turística. Só que o dinheiro não fica em Lençóis. A tendência é que toda renda que circula por lá, venha toda para Seabra, que é o polo comercial e onde ficam os maiores órgãos financeiros da região. Outro fator que contribui bastante para que o dinheiro não fica na cidade, é o fato de as pousadas e os hotéis, não deixarem renda para o município. Mas, para atrair o turismo, que é o que movimenta toda a economia da Chapada, precisa-se ter a melhor velocidade de internet no polo turístico da região.

A partir da figura 12, percebemos que quando é pensado em levar internet banda larga para os *domos* ainda menores (os povoados e comunidades que possuem poucos nós) os serviços ficam mais caros que nas sedes dos municípios. Tanto em Lençóis quanto em Andaraí os preços sobem bastante. A diferença é que enquanto Lençóis é a segunda com maior PIB Per capita, a outra é a que possui o menor.

Outro ponto a ser levado em consideração quanto à distribuição de internet nas zonas rurais dos municípios é que, enquanto nas sedes os serviços para a instalação dos equipamentos variam de 29,90 a 100,00, nas zonas periféricas podem chegar a 450,00. E, em uma cidade que é a mais pobre em relação as outras, esses valores é um impasse muito grande quanto a contratação do bem em questão.

3. CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA E PRÁTICA: O QUE FALA A FAZENDA VELHA?

3.1. METODOLOGIAS, PEDRAS NO CAMINHO E A VOZ DA FAZENDA VELHA

Para a construção do presente trabalho foram utilizadas diversas metodologias. A primeira delas voltou-se à observação etnográfica. Nesta, o observador, estrangeiro, apreende e constrói uma investigação dos fatos sociais que se interpõem entre os moradores⁶⁷ e sua experiência social, possibilitando a análise das diferentes formas simbólicas através das quais a Fazenda Velha se expressa (GOLDMAN, 2003, p.). Além disso, optou-se pela utilização da vertente metodológica pesquisa participante, também relacionada a matriz etnográfica. Para Maria Schmidt (2007) o termo participante remete à controvertida presença de um pesquisador num campo de investigação formado pela vida cotidiana de indivíduos, grupos, comunidades ou instituições próximos ou distantes (p.6). O proveito dessas duas linhas metodológicas se deu pela liberdade de conversar e viver o dia a dia dos moradores, sem nenhum tipo de interferência. Dessemelhante da metodologia da oralidade (a qual também utilizamos e falaremos mais adiante) em que tanto os moradores entrevistados e o entrevistador se recolhiam ao canto para coletar os relatos.

Ao decorrer das vivências na localidade, o pesquisador arriscar-se de toda forma viver o que os comunitários viviam diariamente. Desde viver com o pouco de conexão, de interação online, existente no local a ter que ficar dia após dia à espera de uma carona ou boa vontade de alguém para se deslocar de Andaraí-Fazenda Velha ou da comunidade para a sua sede do município. Mesmo que possua algumas positivities (apresentaremos) em se instalar também na cidade, o deslocamento é muito complexo para os que não possuem transporte. Segundo relato de três famílias, que se dividem entre os dois recintos, caso não encontrem carona é preciso contratar serviços de taxista que cobram valores entre R\$ 50,00 e R\$ 70,00 para fazer o percurso de 18km. Algumas pessoas se arriscam fazer esta caminhada mato adentro, porém, as pessoas mais velhas (os que mais conversamos), já não conseguem mais fazer o percurso desta forma.

Nessas conversas informais e de pesquisa-ação, indo de casa em casa, mesmo com a presença do presidente da associação comunitária, Eugênio, alguns moradores se recusavam

⁶⁷ Marcio Goldman (2003) utiliza durante todo o seu texto a palavra “nativo”, mas, por achar a palavra carregada de preconceitos, a tiramos de cena.

em conversar com ‘os meninos da faculdade’ por pensar que estávamos ali para ajudar o Parque a tirá-los de lá. Ao menos cinco moradores identificavam o pesquisador a equipe do Ibama e ICMBio. *“Mesmo que não seja, eu não vou falar nada porque vocês tiram tudo o que a gente tem e não recebemos nada em troca”*, disse o morador Antônio, conhecido como Toin Preto. Tal afirmação nos faz questionar as metodologias de pesquisa e os possíveis retornos que poderíamos estar dando, na mesma medida em que recebemos deles. Infelizmente, essa frase se espalhou nas nossas vivências e vários dos moradores preferiam ficar calados. Em análise breve, alguns com medo e outros por não compactuarem com os modelos de pesquisa que não possuem qualquer retorno para a comunidade. Para outros, ‘o pessoal que vai lá pesquisar, depois de um tempo some’. Essas questões fizeram-nos pensar bastante e faz com que nós, pesquisadores, utilizemos de formas mais efetiva as metodologias e pensemos pequenas e simples estratégias para um elemento possível, o retorno desses trabalhos para os pesquisados.

Como dito em um dado momento do texto, os moradores da Fazenda Velha gostam de se ver e de se conectar com suas distintas histórias. Uma pequena foto é capaz de deixá-los muito felizes e realizados. Esse já é um possível retorno, inclusive. Imagine só você participar da ação cultural do Jarê, analisar, escrever sobre e depois voltar com o resultado. Falamos sobre isso porque depois de tirar uma foto e enviar para o *WhatsApp* de uma das moradoras já vimos a alegria. E se fosse uma exposição com os registros feitos durante a pesquisa? O efeito seria bem mais interessante. A interação entre pesquisa e pesquisado estariam com os laços sociais mais fortes. Isso sem falar que provocaria momentos para que os comunitários se conectassem com seus costumes e culturas, bem como com sua própria identidade.

Voltando aos processos metodológicos e tomando para o trabalho a abertura que a metodologia anterior proporciona, fora construído um diário de campo⁶⁸ (instrumento muito utilizado nos campos da antropologia e pesquisas etnográficas). Trata-se de um instrumento de anotações, caderno de anotação que possui espaço suficiente para comentário e reflexões de uso exclusivo de quem investiga dada situação. Nele se anotam todas as observações de fatos concretos, fenômenos sociais, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do investigador, suas reflexões e comentários que podem ser organizados em três partes (FALKEMBACH, 1987). Na primeira parte, descrevemos os fatos concretos e fenômenos sociais, depois disso (segunda parte), os dados passam pela interpretação do que foi observado

⁶⁸ Combiná-lo com outras técnicas de investigação não só contribuirá, mas se fará necessário para o aprofundamento da busca de informações desde que, obviamente, o conjunto de técnicas criadas guardem coerência com o corpo teórico conceitual e princípios metodológicos que dão fundamento as práticas sociais em questão. (FALKEMBACH, 1987)

tais como suas relações e conceitos. Por fim, a terceira parte se destina as conclusões, dúvidas, desafios, imprevistos e aprofundamento.

Nas observações foi identificado que tanto o ICMBio quanto o Parque são constantemente citados pelos moradores do local de pesquisa. Nota-se as seguintes frases: “o Parque não deixa a gente fazer nada”, “por mais que ‘as meninas’ do ICMBio tentem nos ajudar, elas também querem se ajudar. Mas, é lógico que ‘elas’ vão puxar pro lado delas”, “a gente quer água, o povo do ICMBio não deixa ter. A gente quer luz, o povo não deixa ter”, “nós estamos aqui desde antes do Parque”, “o Remanso também é Marimbus. Porque aqui é Parque e lá não é?”. São várias ocorrências que nos levam a pensar muito sério sobre os conflitos existentes. Como já mencionado no primeiro capítulo: enquanto um povo luta por seus direitos básicos e preservação da suas múltiplas identidades e costumes, são constantemente colocados em colisão a outro extremo que prevê a preservação ambiental de forma integral e intensa.

Moro aqui já tem 33 anos. Bem antes do Parque eu já morava aqui. A gente nem pensava na existência do Parque, nunca existiu esse negócio. Só depois de um tempo, que a gente já morava lá, foi que esse povo começou a falar desse negócio de Parque. A gente podia plantar o que a gente quisesse. Todo mundo tinha o seu cantinho para plantar e agora com esse negócio de Parque a gente não pode nem roçar nada que eles já vêm para cá multando a gente. Esses dias mesmo um homem desmatou um pedaço de uma terra lá e o Ibama foi baixar lá. Multou um homem com R\$ 12.500,00. Você mesmo viu Eugênio falar aquele dia que o homem foi multado, e é o que tá acontecendo lá hoje em dia. Antigamente não existia essas coisas, Deus me livre. (Dona Elza, Rio Andaraí-Andaraí-BA, 2018)

Assim como Dona Elza, muitos moradores tem uma visão não muito boa do Parque. Quando perguntamos aos nossos entrevistados sobre o que eles achavam da existência do Parque e do ICMBio a resposta era clara: “o Parque só fez mal pra gente, nada bem”. Porém, quando Dona Elza foi questionada sobre a questão da preservação ambiental, ela concorda em partes com as ações do PNCD. Segundo ela,

A preservação ambiental tudo bem [...] eles nesse aí tá certo. Como é que eu chego aqui, tem essa mata aqui e eu começo meter a machado e a foice em tudo [...] nessa parte eu acho que o Parque tem razão porque não pode desmatar assim. Se eu for fazer uma roça, duas ou três tarefas já são suficientes, aí tudo bem [...] mas pegar e fazer igual muito fazem aí é fora do comum. Eu não acho de acordo toda essa desmatção. Acabar com a natureza não acho certo. Você mesmo ver o que a gente faz ali, a gente não desmata nada. Na onde a gente mora é o lugar mais preservado que o Parque achou. Eles mesmos já falaram que a gente não destrói a natureza que a gente tá lá para prevenir. A gente tem um cuidado danado, a gente não desmata, a gente não fica derrubando qualquer coisa pra jogar lá rio. [...] A gente pega as lenhas que já ‘tão’ lá no meio do mato tudo podre no chão que não tem nenhuma serventia. A gente pega para queimar e fazer comida, a gente não arranca nenhuma árvore para cortar e colocar para secar eles acham que a gente ali zela muito da natureza. (Dona Elza, Rio Andaraí-Andaraí-BA, 2018)

Notem que, por mais que a lei os exclua, o órgão responsável pela administração reconhece que os moradores da Fazenda Velha não agridem a natureza. Percebe-se que por mais que o diálogo entre os dois atores aconteça, ela ainda está em um formato de comunicação e interação que não possui sincronia (o cancelamento das discussões sobre o possível termo é um exemplo fiel disso). Para estabelecer uma boa relação entre as duas partes, a comunicação e interação entre os dois pontos de conexão precisa ser síncrona, como proposta por Recuero (2009) já mencionado no item 1.5. O conflito e a desconexão entre as duas partes é tamanha que, outra moradora, a qual solicitou anonimato, revoltada com a questão da energia elétrica bufou:

Eu não tenho mais fé dela [a luz] chegar lá não. Porque, Luiz Cardozo tentou pra botar essa luz lá e não conseguiu. Muita gente já tentou colocar essa luz lá e nunca conseguiu porque dizem que lá não coloca por que lá é do Parque, entendeu? Então tomara que Bolsonaro entra logo lá e arregaça com tudo mesmo, aí vai luz para todos mesmo. Esse negócio de Ibama vai sair daí. Como é que esse povo fica tomando conta do que não é deles? Porque não pode colocar luz ali? Ó, no Soares tem luz, aqui na ponte tem luz, o Bernardino tem luz, o Remanso tem luz. Só tem aquele ‘meiozinho’ lá da gente ali sem luz, porquê? Tudo não faz parte do Parque? [...] na ponte aí não é Parque? É sim. Tá dentro da água e aí pertence a Fazenda ‘Vea’ também. [...] O Remanso fica no meio do Marimbus, é uma ilha e mesmo assim tem luz [...] para atravessar para o Remando tem que ir de canoa, de barco, tem luz e aqui pra gente que mora tão distante do rio não tem luz. [...] O Remanso não faz parte do Parque, mas podia fazer [...] porque ele é mais na ilha do que a gente. (Entrevistada 01, casa da entrevistada, Andaraí-BA, 2018)

Parte desse pensamento é unânime entre os moradores da Fazenda Velha. Tanto nas reuniões em que participamos quanto nas entrevistas e conversas durante as vivências, é notório a revolta com a falta de energia elétrica. Poucos entendem que a energia elétrica é o ponta pé inicial para os outros processos de modernização. Com ela, chega junto a televisão, a geladeira (enfim, bens de consumo do capital), e mais adiante a internet. Elas fazem parte do mesmo pacote de modernização. Então, a demanda que as pessoas tem pela eletricidade leva junto a demanda pelo acesso a modernidade.

Para a coleta dessas entrevistas, como já comentado, foi utilizado a metodologia da oralidade, proposta por Paul Thompson (1998). Neste método utiliza-se das técnicas e tecnologias disponíveis a favor da pesquisa documental. Todos esses relatos foram gravados por um gravador presente no smartphone do investigador. E, nessas entrevistas é evidente que, todos entrevistados acreditam que a luz iria trazer muitas melhorias para a localidade, inclusive financeiramente. Para a mesma entrevistada,

o Remanso é do jeito que é porque tem luz. Se não tivesse luz não tinha nada. Se você ver esses turistas aí tão tudo em Lençóis e Remanso e me diz aí qual é o futuro que nós temos ali [na Fazenda Velha]. Qual futuro você ver ali para gente? Nenhum. Não

sei não viu... É igual agora que disse que vai vir um projeto de não sei quanto para não sei o quê. Mas aí quando eles começam falar demais eu já saio da reunião, porque o que é bom mesmo nunca vai que é a luz. Mesmo que agora o povo já tá queixando das luzes desses lugares aí porque tá entrando muito barbeiro dentro de casa. Essa semana mesmo já chupou um. Essa semana mesmo encontraram um barbeiro cheio de sangue depois da luz, mas não importa. (Entrevistada 01, casa da entrevistada, Andaraí-BA, 2018)

Mesmo que haja pontos negativos, a exemplo do que a senhora relatou acerca do barbeiro, os moradores estão sedentos pela energia elétrica. Por mais que o histórico da Fazenda Velha, assim como muitas comunidades quilombolas espalhados pelo Brasil, seja associado a um lugar esquecido e isolado, agora, mais que nunca, os moradores estão em luta para que sua voz seja ouvida e seus costumes preservados. Para Eugênio, presidente da associação, a energia também ajudaria nas questões culturais e cita que pela constante presença dos moradores na cidade, os costumes locais se enfraqueceram um pouco. Dona Elza fala que

as coisas lá estão morrendo todas, antigamente tinha muitos Jarê, muito samba de roda, tinha muita celebração para São Cosme Damião. Mas, hoje só quem celebra o Jarê é Dona Nenzinha. O povo lá não quer mais saber de nada não. A festa de São Cosme de Vandira, ela dá somente a comida e não toca o samba. Quando tem alguma apresentação de Jarê lá na Fazenda Velha é o povo daqui ou de outra cidade que vai para lá fazer o samba de roda, caso contrário, não tem. Quem bate couro mesmo na Fazenda Velha é dona Nenzinha, mas esse ano mesmo ela nem fez porque uma irmã dela morreu. (Dona Elza, casa da entrevistada, Fazenda Velha-Andaraí-BA, 2018)

Uma das manifestações culturais⁶⁹ mais bonitas que presenciamos nas nossas visitas a comunidade foi o Jarê. O Jarê, ou Candomblé Diamantino, como é também conhecido na região, é sem dúvida, um culto bastante fluido no qual novos elementos são continuamente acrescentados, muitas vezes ao sabor da criatividade do curador. Ronaldo Sena e Itamar Aguiar, no texto *Jarê: Instalação Africana na Chapada Diamantina* (1980), faz uma análise muito importante sobre esse universo místico. Segundo eles, o Candomblé Diamantino tem fortes laços com o Candomblé de orixás, (trazidos pelos migrantes do Recôncavo Baiano), com os elementos da umbanda (originados pelos povos que chegaram de Minas) e com a religião católica (vindos da região do São Francisco). Desde o início de seu culto⁷⁰, aqui Chapada Diamantina, os garimpeiros procuravam a religião afim de bamburrar ou procurar rotas para

⁶⁹ Por motivos de agenda, infelizmente não conseguimos participar da festa de São Cosme e Damião. Mas os relatos posteriores a festa nos dizem que a mesma foi linda e a comida muito boa. A comunidade ainda faz farinha nos modelos tradicionais de outrora. Recentemente, após a construção da sede da associação da comunidade, a moradora Vandira ganhou o restante dos materiais de construção para reforma da casa de farinha, que por sua vez continuará sendo utilizada por todos os moradores que possui plantação de mandioca. Outro costume é o Reisado.

⁷⁰ Tudo indica, porém, terem sido os negros vindos do Recôncavo, que se intitulavam nagôs, os que maior influência exerceram na formação do Jarê. Concluímos, no entanto, que o Jarê não é um culto de origem nagô, como à primeira vista acreditamos por ficarmos presos unicamente às afirmações dos informantes. O Jarê nos parece ser um culto de base angolana, ao qual se superpôs a influência religiosa dos nagôs. (SENA; AGUIAR, 1980, p.80)

encontrar diamantes e em busca de cura corporal e espiritual. Porém, o sincretismo, embora muito reverenciado, passa até hoje por uma aversão.

Podemos afirmar que o Jarê, na sua operacionalidade, substitui a religião oficial, mas não a substitui na sua representatividade social. Podemos confirmar isso, quando observamos garimpeiros de Lençóis, via de regra, consideram-se católicos puros em sua grande maioria; poucos reconhecem o Jarê como uma religião de apoio, preferindo rotulá-lo de "vadiação", e alguns chegam mesmo a demonstrar uma profunda repulsa ao culto. (SENA; AGUIAR, 1980, p.79)

O desprezo de antes se reflete na contemporaneidade. Quando ouvimos a filha mais velha de dona Elza, que há mais de 20 anos é protestante, é visível isso. *“Eu sou evangélica, para a honra e glória do Senhor. Minha mãe me levava para o Jarê, para as macumbas arrastada. Eu era submissa, mas, hoje eu faço parte do que eu quero. Não quero graça com essas coisas”*, nos conta. Assim, arriscamos afirmar que, por mais que a Fazenda Velha ainda possua laços com suas antigas tradições, a inserção das religiões neopentecostais, na região, favoreceu para que o Jarê, um dos elementos que os ligam as suas ancestralidades, se encontre hoje num estado líquido e com laços fracos. Além de entendermos a entrada dessas novas religiões como um novo tipo de conexão externa.



Figura 13. Oração no início da roda de Jarê. (Foto: pesquisa de campo – Rose Caroline)

Diferente do Jarê, a presença das rezadeiras ainda são bem visíveis. Na visita do dia 31 agosto de 2018, fomos à casa de Vandira, que também é rezadeira, e pedimos para ser ‘benzidos’. A rezadeira benzeu uma das pesquisadoras do Garimpando Redes. *“Você (olhando para o pesquisador) eu não vou rezar não porque está com essa calça preta.”*, nos disse Vandira. A diferença entre as duas atividades é:

Enquanto o "curador de Jarê" e o "curador de raiz" fazem trabalho de cura mentais e orgânicas, a "rezadeira" cura apenas – indisposições "mal olhados", "espinhela caída" – assim como, exerce o papel de reordenação de projetos vitais que se encontram confusos ou fugidios, como por exemplo, "abrir caminho", "tira teima", "amor perfeito", "desencosto", "segura marido", etc. (SENA; AGUIAR, 1980, p. 83)



Figura 14. Apresentação de Reisado da comunidade. (Foto: pesquisa de campo – Rose Caroline)

Todos esses movimentos culturais e religiosos unem e conectam cada um dos moradores da Fazenda Velha com o passado e com as histórias construídas há décadas. Mesmo que possuam moradores que se distanciaram do *domo* da Fazenda Velha, sempre existirão outros (quase sempre os mais velhos) que resistirão para que suas raízes não morram com a temporalidade e modernidade. Todavia, mesmo que ainda exista esses laços com o passado, pouco se vê na rede mundial de computadores sobre elas e sobre a comunidade.

3.2. CLIPPING: A FAZENDA VELHA NA REDE MUNDIAL DE COMPUTADORES

Outro método utilizado para a construção do trabalho foi o garimpo de fontes que falem da Fazenda Velha. Em uma das reuniões em que falamos inexistir a comunidade na rede mundial de computadores e uma lacuna na história local, Emílio Tapioca, então coordenador na Viver Cultura e Meio Ambiente, da prefeitura de Andaraí, informou que a Biblioteca Herberto Sales⁷¹, situada em Andaraí, 'existia muita coisa sobre a comunidade'. Nas visitas em

⁷¹ Herberto de Azevedo Sales foi um jornalista, contista, romancista e memorialista andaraiense. Por conta da sua relação com a literatura e romances que utilizavam o Marimbus e a Chapada Diamantina como cenário, teve reconhecimento significativo na região que hoje o conhece e homenageia em suas festas literárias e utilizam seu nome nas em ambientes científicos e destinado a intelectuais – como é o caso da biblioteca.

que realizamos a biblioteca, nada também foi encontrado. Nem mesmo nas apostilas doadas por estudantes e pesquisadores locais falam sobre o nosso local de pesquisa. O máximo que deparamos foram recortes dos costumes e culturas da cidade, como a Festa do Divino e o próprio Jarê – aos quais os moradores do local de pesquisa costumam participar e ajudar nas organizações.

Afirmamos que a Fazenda Velha, além de inexistir pela lei que regulamenta os parques brasileiros, ela também é inexistente tanto nos acervos históricos da própria localidade, como também na rede mundial de computadores. Estamos falando disso, pois também houve um garimpo pela internet. Foi utilizado na ferramenta de busca mais famosa da internet, o *Google*, quatro frases básicas: 1) *Fazenda Velha Chapada Diamantina*; 2) *Comunidade Quilombola Fazenda Velha Chapada Diamantina*; 3) *Comunidade Quilombola Fazenda Velha Andaraí*; 4) *História da Comunidade Quilombola Fazenda Velha Andaraí-Ba*. Após essas pesquisas e acessos aos sítios, encontramos 13 links aos quais aparecia ao menos uma vez o motivo da busca: a Fazenda Velha.

Nesse procedimento encontramos três documentos aos quais comprovam que a comunidade é quilombola e reconhecida com a certificação da Fundação Cultural Palmares (FCP). Foi identificado nessa metodologia que a Fazenda Velha está desde 2010 com processo aberto junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) com mais de 120 comunidades baianas. Os outros links, tratam-se de três reportagens jornalísticas em blogs regionais. Nesses abordam conquistas⁷² e a mais recente, retoma as discussões de 2011, sobre o possível termo de compromisso⁷³ junto a atual gestão do Parque Nacional da Chapada Diamantina (já abordado). Sobre a história da comunidade, bamburramos pelas três páginas que encontramos, inclusive o site⁷⁴ da prefeitura do município (porém, todos os textos eram curtos e sem contato com os moradores). Um dos links⁷⁵ achados nos leva diretamente para uma galeria de fotos que na maioria são fotos publicadas nas reportagens já citadas. Encontramos

⁷² A matéria informa sobre um projeto (o projeto Barefoot College, iniciativa da empresa Enel Green Power (EGP), em parceria com a ONG indiana Barefoot College) que levou energia elétrica para algumas famílias que moram dentro do PNCD, incluindo moradores da Fazenda Velha. Acesso: <http://www.guiachapadadiamantina.com.br/projeto-leva-energia-eletrica-a-79-familias-do-parque-nacional-da-chapada-diamantina/> disponível em 06/02/18.

⁷³ Uma publicação de 2011 e outra de 2017 trazem a informação sobre as discussões sobre o termo de compromisso entre a comunidade e o ICMBio. Abordaremos esse tema no próximo tópico. Acessos: <http://parnachapadadiamantina.blogspot.com.br/2011/08/termos-de-compromisso-com-as.html> e <https://jornaldachapada.com.br/2017/09/27/termo-de-compromisso-e-discutido-com-moradores-da-regiao-do-parque-nacional-da-chapada-diamantina/> disponível em 06/02/18.

⁷⁴ <http://www.andaraiba.gov.br/o-municipio/a-historia> disponível em 06/02/18.

⁷⁵ Ver: https://www.google.com.br/search?q=FAZENDA+VELHA,+andara%C3%AD+chapada+diamantina&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj-gNHpujeAhWEjpAKHa_tBuMQ_AUIDygC&biw=1366&bih=657

também um artigo⁷⁶ acadêmico, já citado, e, até mesmo um anúncio de vendas no site da *UOU HOST*. Foi neste mesmo garimpo que encontramos a Fazenda Velha em uma das Redes Sociais mais utilizadas do mundo, o Facebook⁷⁷, a qual fizemos uma breve análise de conteúdo⁷⁸, pela limitação do trabalho. A importância que damos a esse perfil é pelo motivo dele se tratar de uma rede social de interação online, produzidos pelos próprios atores que tentam também sair de uma condição somente social para serem agentes sociais e virtuais. Porém, essa rede social se encontra desatualizada.

O nome da página foi intitulado como *Fazenda velha comunidade quilombola.andarai/ba*⁷⁹. Existem apenas sete publicações na fanpage. Ambas do ano de sua criação (2014). Dividimos as publicações e as atribuímos em dois grupos com características distintas. No primeiro grupo, duas das sete postagens relata o dia a dia e os costumes dos moradores. O exemplo (a seguir) que trouxemos nos mostra um mutirão para a construção de adobe. Os mutirões são sem sombra de dúvida um dos costumes mais bonitos em que a comunidade se junta e se ajudam. Essa realidade não é só na confecção de adobe, mas também na construção de casas, cercados, dentre outros.

⁷⁶ Trata-se do artigo *Meio Ambiente, Sócio-Espacialidade e Modo de Vida Tradicional na Comunidade Quilombola Fazenda Velha*, fruto de uma pesquisa entre 2013-2014, relata uma série de acontecimentos e relatos bem atuais. E, revela algumas informações das quais nosso grupo de pesquisa também teve acesso. (OLIVEIRA, 2015) Acesso: <http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/5011/4806> disponível em 06/02/18.

⁷⁷ Infelizmente a página se encontra desatualizada. A intenção é descobrir o motivo.

⁷⁸ Por mais que o trabalho utilize bastante de conceitos e teóricos dos estudos e análises de mídia social de interação online, não se trata de uma análise de mídia. Mas, optamos por trazer em brevidade a presença da comunidade na mídia apresentada.

⁷⁹ Nas nossas entrevistas e conversas ninguém sabia quem era o administrador da página.

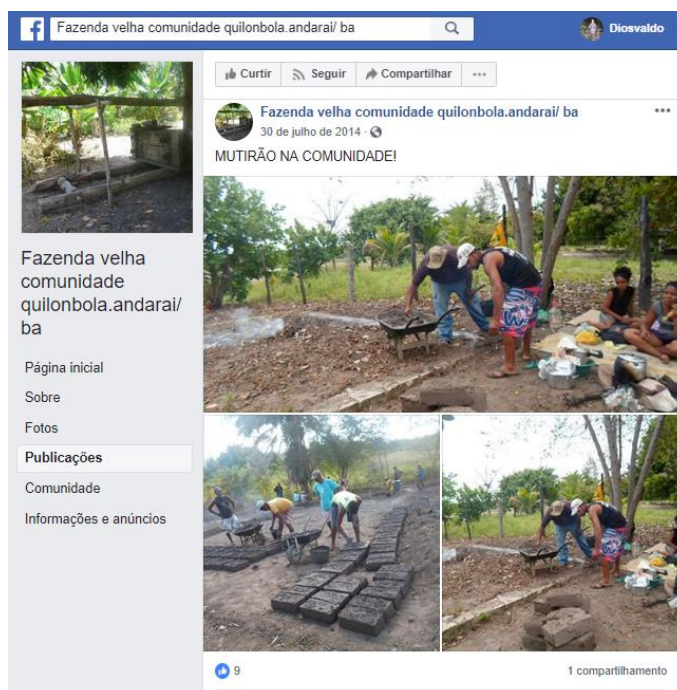


Figura 15. Print Screen de uma das publicações da pagino do Facebook, mostra mutirão.

As outras cinco publicações identificamos que tem um tom mais de oposição e vontade dessa luta ter notoriedade muito forte.

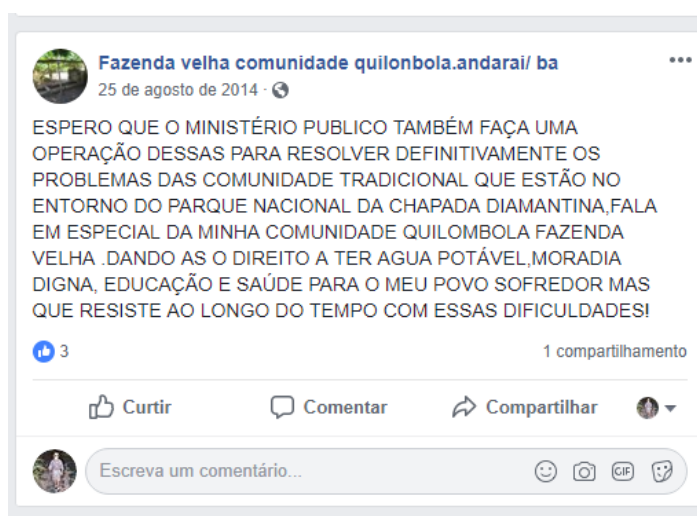


Figura 16. Print Screen de uma das publicações da pagino do Facebook, mostra pedido por direitos básicos.

Notem que, tudo o que os moradores clamam no dia a dia e nas conversas com o Parque, nas suas relações sociais face-a-face, eles também cobram pelas redes sociais de interação online. O que falta agora são atores (prefeitura, poder público, ONG's e movimentos sociais) que comprem essa briga e ajudem os comunitários a ter a visibilidade que eles merecem e almejam. Se antes e ao longo do tempo os moradores da Fazenda Velha lutavam e lutam por direito a água, moradia digna, educação, saúde e outras coisas, na contemporaneidade aparece

mais um ponto que é o acesso e a inclusão digital de qualidade. Porém, se a luta que também envolve a energia elétrica ainda não vingou, imagine só o acesso a rede mundial de computadores e outras redes que necessitam de pontos energizados?

3.3. ENTREVISTA EM FAMÍLIA

Como falamos no primeiro capítulo, a realidade de conexão da comunidade é muito precária, quase inexistente. Esse fato faz com que os moradores criem estratégias para se sentirem incluídos na sociedade virtual. Para utilizar serviços de telefonia celular, os moradores precisam muitas vezes se deslocar de sua casa a um ponto mais alto ou até mesmo se arriscando-se em árvores para conseguir as frequências de sinais. O único acesso a internet que a Fazenda Velha possui, é das próprias operadoras de celular. Quando conversamos com uma das famílias⁸⁰ que se dividem entre a comunidade e a cidade, tivemos a sorte de entrevistar todos que estavam na casa. Nesse bate-papo identificamos muitas coisas importantes. Em um trecho dessa entrevista o investigador perguntou como era que, e quanto tempo a senhora (a avó) utilizava o WhatsApp. Segundo ela, *“tem mais ou menos dois meses que uso. Lá na Fazenda Velha eu também uso, mas aí a internet só pega que presta lá na porteira.”* Ao dizer essa fala, a senhora dá legitimidade às percepções que tivemos durante as pesquisas de campo quanto as estratégias.

Nesta mesma entrevista, pudemos perceber que, mesmo que as crianças tenham acesso à rede mundial de computadores/internet, o acesso é muito limitado e em diversas ocasiões, destina-se apenas ao labor de brincar. Identificamos nas pesquisas que nem todas as escolas do município de Andaraí possuem laboratório de informática para o deleite dos estudantes. Quando perguntamos para o menino qual era a realidade do uso das TIC's dentro das escolas, ele respondeu que, *“na Escola Municipal Luiz Viana tem um computador, mas só quem pode mexer são os alunos dos avançados, do ensino médio pra lá. Mas quase sempre são os professores que estão lá”*. Os dois pré-adolescentes só tiveram experiência no uso de computadores na escola de tempo integral, onde estudavam um período e no outro desenvolviam atividades extras, sendo uma delas, aulas de informática. Porém, *“na maioria das vezes os meninos jogavam, assistia vídeos e poucas vezes usava o computador para pesquisas e estudos”*, relata o menino.

⁸⁰ Pela presença de crianças menores de 12 anos, as fontes foram resguardadas e os identificamos entre: menino (12 anos), menina (10 anos), mãe e avó das crianças.

Para a mãe e para a avó os dois são muito viciados quanto ao uso de aparelhos celulares.

Observe o diálogo:

Mãe: Ave-Maria! Esses meninos não desgrudam o celular da mão.

Menino: Se a minha mãe me entregar o celular agora só entrego para ela de noite.

Mãe: Se eu o deixar nem dorme de noite brincando no celular. O menino não come, não bebe água, só no celular 24 horas por dia. Mas isso se eu deixar.

Investigador: Você acha normal e certo esse uso?

Mãe: Eu mesmo não. Eu só entrego o celular para ele quando eu estou fazendo alguma coisa que não dê para dar tanta atenção assim para ele ou quando ele está sozinho, tipo quando os irmãos deles estão na escola ou fazendo outras atividades. Aí nesse caso entrego, mas se tiver todo mundo aqui conversando de boa eu não entrego para ele [...]. (Entrevista 03: família: avó, mãe e duas crianças – Andaraí-BA)

Mesmo que possua uma certa gestão, pela parte da mãe, os meninos se arriscam durante a noite, enquanto os pais e avós dormem, para pegar os celulares.

“quando eu coloquei a senha no meu celular eu não vi que ele estava vendo aí ele sabe a minha senha e esperava eu dormir para ir lá de fininho no meu quarto pegar o celular para ficar a noite toda com ele. Quando eu assustava no meio da noite e procurava o celular pra ver a hora, o celular não estava lá aí eu ia no quarto dele e ele desligava a tela e fingia que ‘tava’ dormindo.” (Entrevista 03: família: avó, mãe e duas crianças – Andaraí-BA)

Identificamos também que a palavra “vício” é sempre atrelada a “vagabundagem”. Mesmo que a avó já esteja imersa as novas tecnologias, ela que sempre diz que os meninos só ficam “vagabundando” com o celular. Com essas declarações, o menino questionou a avó o que era aquela palavra. Segundo ela, a vagabundagem está associada “a pessoa que não quer estudar, não quer trabalhar... só quer bater perna e vadiar com celular, igual a você [o menino]. Na sua idade você só tem que querer uma coisa, estudar. Sabe porquê? Porque sempre vai ter a hora de brincar e a hora de estudar”. Dito isso, além de apontar que os meninos fazem um uso exagerado das tecnologias disponíveis, ela também denuncia a falta de atenção com os estudos, e a distância deles com as atividades do dia a dia com a família.

Isso tudo acontece quando eles estão na cidade, em Andaraí. Quando eles estão em Fazenda Velha, a escolha se dá entre jogar bola, ir para o rio, ou jogar os jogos eletrônicos pelo celular. Para descobrir quem ganha essa disputa, veja mais um pedaço da entrevista:

Investigador: O que tu achas tão bom assim pra ficar tanto tempo com o celular?

Menino: Porque eu gosto de jogar.

Investigador: E quando vocês vão lá para a roça [Fazenda Velha]?

Menino: Aí a gente fica querendo pegar o celular. Mas o bom é que lá tem bola, rio, lagoa, barco.

Investigador: Mas você joga bola e vai para o rio porque você gosta ou é porque lá não tem internet?

Menino: Porque lá não tem internet.

Investigador: E se tivesse internet, bola, rio... você escolheria o quê?

Menino: A internet, porque dá para baixar várias coisas. [...] com o celular você fica mais ligado, mais atento. (Entrevista 03: família: avó, mãe e duas crianças – Andaraí-BA)

O que a gente reconhece é que existe uma tensão muito grande entre o uso dos mais velhos e o uso dos mais novos. A avó acha que é normal ela usar o celular quando ela quiser, mas acha muito errado que crianças *labutem* com o celular. Independente dos casos e para quê, todos eles gostam de estar inseridos dentro dessa nova rede de comunicação e interação.

Identifica-se também que mesmo tendo programas governamentais disponíveis a solicitações municipais, a exemplo dos Telecentros⁸¹, que visam a inclusão digital para as sociedades excluídas do processo da convergência das coisas, o acesso as redes digitais em Andaraí são quase inexistentes e na Fazenda Velha é nulo. E, isso implica diretamente ao que Pierre Levy vai discutir numa entrevista ao *Roda Viva*, em 2001, sobre a necessidade de haver, agora, mais que nunca, uma alfabetização digital. Para Levy, a cada passo que é dado pelas novas tecnologias, novas técnicas também vão surgindo, e com isso, os indivíduos passarão cada vez mais tempo conectados (ainda mais na contemporaneidade onde há discussões sobre até o ensino básico em EAD).

3.4. A SURPRESA DA ÚLTIMA VISITA

Na última visita em que o investigador fez à Fazenda Velha, algo diferente aconteceu. O contato entre o pesquisador e uma das moradoras (a qual ficava hospedado) que antes se dava através de ligações ou recados passados pelo presidente da associação, passou a ser através de WhatsApp. Na semana que antecede a mencionada visita, o pesquisador ligou como de costume. A novidade foi: *"me chama no 'zap' 'Bê', eu tô na rua. Mas quando eu chegar em casa eu te respondo ou senão vou mandar Fátima (uma de suas filhas) te mandar mensagem"*, dona Elza. Com os áudios indo e vindo, dia após dia, chegou o momento.

Quando chegamos a Andaraí, Dona Elza, já estava a nossa espera (com o celular na mão). Ao entrar em sua casa, olhou para a gente, desviou o olhar para a garrafa de café e disse: *"eu ainda vou é fazer café, porque esse negócio aqui (aponta o dedo para o novo celular) não*

⁸¹ O telecentro é um Ponto de Inclusão Digital - PID, sem fins lucrativos, de acesso público e gratuito, com computadores conectados à internet, disponíveis para diversos usos. O objetivo do telecentro é promover o desenvolvimento social e econômico das comunidades atendidas, reduzindo a exclusão social e criando oportunidades de inclusão digital aos cidadãos. Os telecentros podem oferecer diversos cursos ou atividades conforme necessidade da comunidade local, além de funcionarem como espaço de integração, cultura e lazer. Os telecentros foram instalados por meio de parcerias entre ministérios, prefeituras e entidades da sociedade civil. Informação retirada no site do Ministério da Ciência, tecnologia, inovações e comunicações. https://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/comunicacao/SETEL/inclusao_digital/telecentros/TELECENTROS.htm. Acesso em 12/11/2018.

está me deixando trabalhar". Mesmo que a senhora esteja agora conectada, existe um ponto muito importante a ser levado em consideração acerca dessa inclusão digital. Tanto ela quanto seus filhos e filhas mesmo que estejam conectados no mundo das nuvens, os serviços que eles utilizam não foram contratados por eles. O vizinho que possui um plano de internet banda larga e redes Wi-Fi, disponibilizou a senha de acesso para que eles pudessem acessar. A realidade também foi identificada em outras casas e famílias que moram na cidade de Andaraí. Assim, suas conexões com as redes sociais online se dão a partir do tempo do Outro. Se o dono dos serviços desligar seus aparelhos, eles ficam sem internet. É uma conexão bem limitada.

Na primeira noite, quando conhecemos todos os filhos de Dona Elza e Lain, ela solta uma frase quase que inocente, e duvidosa que seus filhos iriam rebater. Ela nos disse que seus filhos eram muito viciados com as novas tecnologias e que viviam com o celular na mão. *"Esses meninos trabalham o dia todo, mas quando chegam em casa de fato não tiram a cara do celular"*. Primeiro pensamos que a pouca comunicação se dava pela intimidação ou vergonha do pesquisador. Mas, a senhora disse novamente: *"Aí assim só para de mexer no celular para comer"*. Quando menos espera, seu filho mais velho revelou: *a senhora nem pode mais falar essas coisas da gente. Reclamou, reclamou e agora a senhora está mais viciada que nós*.

Ao mesmo tempo em que enfraquece os laços e as relações de interação social face-a-face com as pessoas que estão perto, já identificado pelo marido de Dona Elza, Lain, as relações e a comunicação com familiares mais distantes, aos quais possuíam poucas interações durante o dia a dia, para Elza, fortaleceram depois da sua inclusão no mundo das convergências. Porém, por mais que eles estejam se incluindo no meio digital, falta muito preparo. Dona Elza queixa sempre da lentidão do aparelho e sempre fica chateada quando não há mensagens no seu 'zap', como ela costuma chamar.

É complicado, Dona Elza. Nas relações offline é tudo na hora. Você fala, o outro ouve e responde e existe um diálogo naquele momento "aqui, agora". Porém, no mundo online, temos que nos moldar ao tempo desse outro, já citado no texto com as palavras de Bauman. Nem sempre o outro quer ou tem tempo para estabelecer conexão. Toda via, os seres humanos são programados para se conectarem, independentemente se de forma offline ou nas plataformas ou redes de interação online. No final das contas, sempre seremos atraídos um pelos outros pela nossa química, gostos, crenças, fé. Tudo isso cria intimidade, conexão. Construímos relações que nos ligam, cérebro com cérebro, coração com coração. Esses vínculos uma vez formados, não foram feitos para serem quebrados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os vínculos e os laços sociais presentes no *domo* Fazenda Velha são bonitos e ultrapassam as medidas de intensidade. A cada relato, pudemos perceber que tudo o que conectam os nós presentes naquele espaço, estão diretamente ligados com as heranças identitárias. Entretanto, há mais de 30 anos, essas conexões estão dentro de uma *redoma* conflitante. Essa tensão permanente na relação com o Parque Nacional da Chapada Diamantina é visível e apresentamos vários aspectos da realidade durante o trabalho. A primeira conclusão que tivemos é sobretudo no conflito que há na relação que podemos dizer que é de comunicação, crise social, ambiental e cultural, que infelizmente, não vai acabar por tão cedo.

Em um dos lados desse processo de comunicação, existe o desejo norteado para o projeto de modernização, quando os moradores da Fazenda Velha defendem a energia elétrica, o turismo e o acesso a direitos básicos como urgência. O que eles querem, mesmo sem entender do que se trata essa arte, é entrar de vez no mundo do capitalismo globalizado. Com a eletricidade eles podem ter acesso sempre que quiserem à televisão, geladeira, bens de consumo e de serviços, como a internet, por exemplo, que eles poderão utilizar, tanto para a divulgação das rotas turísticas, quanto produzirem mais conteúdo de si e para si. Porém, antes disso tudo acontecer, é necessário entender os impasses acrescido pelos desafios da conservação ambiental.

O modelo de modernidade atualmente pensado é uma amostra que destrói o meio ambiente e a vida natural, levando em consideração o SNUC. No entanto, esse modelo com as comunidades tradicionais é de intenso duelo entre os dois pontos de conexão (que não se conectam). O questionamento agora é: como é que o tempo inteiro existe uma cobrança dizendo “vocês precisam se desenvolver” e ao mesmo tempo negam as portas de entrada para o desenvolvimento, com o discurso da intensa preservação ambiental? No caso da Fazenda Velha, essa questão será sempre uma tensão, que é a causadora de todo o isolamento da comunidade.

Essa separação vai além do físico, e perpassa também o isolamento geográfico do *domo*. Estamos falando de uma isolação política que os deixam sozinhos em uma luta que merecia outros atores (prefeitura, movimentos sociais...). O Parque não é um ator de parceria, e sim de conflito. A grande diferença aqui é: a equipe do PNCD entende perfeitamente a gravidade dessa situação e sabem que a função deles naquele espaço é da não existência da comunidade. Só que, por enquanto, a atual gestão do parque possui um olhar bem tolerante, mas, em 2019, com o governo Bolsonaro, ninguém sabe se essa tensão vai piorar ou será aliviada. A única certeza que temos é que conflitos na região do Marimbus nunca vai acabar.

Como falamos durante o texto, todo esse conflito impacta diretamente na conectividade e na inserção dos residentes aos processos de convergência digital. No mapa sobre a conexão e a distribuição de internet banda larga que apresentamos, percebemos uma discrepância enorme, que só reafirmam a divisão das sociedades (online-offline). A mundialização da internet, sobre a qual falamos, nos remete a uma ideia equivocada de homogeneidade e vários dados e pesquisas nos mostraram isso. Para Mattos e Santos (2009, p.5) esse processo apenas contribui para estender as desigualdades internas e regionais para além das fronteiras, difundindo para os países periféricos os “localismos globalizados” produzidos pelos países centrais (SILVEIRA, 2003, p.9).

Quando falamos dessas problemáticas, estamos referindo também ao processo de produção de conteúdo diretamente ligado à proposta de globalização – não tão global. Em muitos casos, como afirma Bauman (2004) esse processo “dá acesso à televisão; mas, poucos de nós têm acesso aos meios de tele*ação*” (p.119). Isso corrobora para que os atores da Fazenda Velha não alcancem condições ideais a fim de tirar proveito dos benefícios culturais, sociais e econômicos que as mídias digitais oferecem, como falamos anteriormente.

Canclini (2003) diz que a presente globalização provoca a desestruturação da produção cultural endógena. Isso significa a expansão da indústria cultural e sua capacidade de homogeneizar hábitos culturais de um dado grupo social para outro. Assim, “a globalização pode destruir e enfraquecer os produtores poucos eficientes e concede às culturas periféricas a possibilidade de se encapsular em suas tradições locais” (CANCLINI, 2003, p.22), e em poucos casos as culturas subalternas têm a possibilidade de difundir suas produções culturais por meio da indústria global. Mas, a tendência é para a modernidade. Para os moradores a presença deles no universo online os tornariam pertencentes ao mundo. E a mesma globalização que causa esse alvoroço nas culturas subalternas, da mesma forma que ela pode extinguir algum movimento cultural ela pode salvá-la (BARBERO, 2008).

Com a precária conexão no local, os moradores se arrisquem em estratégias para se manterem conectados ao além *domo*. A concentração midiática para aquele local, é outro aspecto um tanto perigoso. Tanto no que se diz respeito a falta de conteúdos regionais como também a entrada de novas vozes (que propagam ódio e morte ao quilombo). Abordamos também como se dá o processo de confecção de notícias ou de conteúdos produzidos pelos próprios atores a exemplo do Facebook. Percebemos que houve uma tentativa de produção de conteúdo que foi barrada pela falta de internet na comunidade. Mas, identificamos também que falta um preparo, ou uma alfabetização para a mídia digital.

Pierre Lévy (2001) em entrevista para o programa Roda Viva nos conta que as novidades advindas pelo ciberculturalismo são visíveis a olho nu, pois, com a acessão da internet, o acesso e a produção de informação e conhecimento ficaram “bem mais democráticas” que antes dela. Esperamos que entenda o porquê colocamos “bem mais democráticas” entre aspas, pois como mesmo citado durante o texto acima, existe ainda um limite entre esse mundo digitalizado e as comunidades carentes de políticas públicas, ou com poucos nós, que acabam ficando de lado desse coletivo de informação/comunicação.

Segundo Lévy, a tendência é que fiquemos cada vez mais conectados à rede mundial de computadores e que o processo de ensino-aprendizado em um futuro próximo, poderá ser um processo cada vez mais informal. Ou seja, escolas criando fóruns, salas de bate-papo – aulas em Ead – e por isso a alfabetização se faz importante nesse processo, inclusive quando se discute a democratização eletrônica, ter acesso às informações e documentos que estão nas nuvens e nas comunidades virtuais. Para Pierre, é como se a internet fosse à nova metrópole, só que uma metrópole virtual que reúne uma diversidade maior de conteúdo, culturas, histórias, vivências e etc.

Enfim, dentro do *domo* Fazenda Velha, homens e mulheres, jovens e adultos se conectam de forma a fortalecer os laços sociais de maneira interpessoais e muitas vezes enraizadas a suas culturas, histórias e vivências. É a realidade do nosso objeto de estudo e de tantas outras comunidades. Essa exclusão digital deixa extensos grupos da sociedade à beira do episódio da sociedade da informação e da expansão (globalização) das redes digitais.

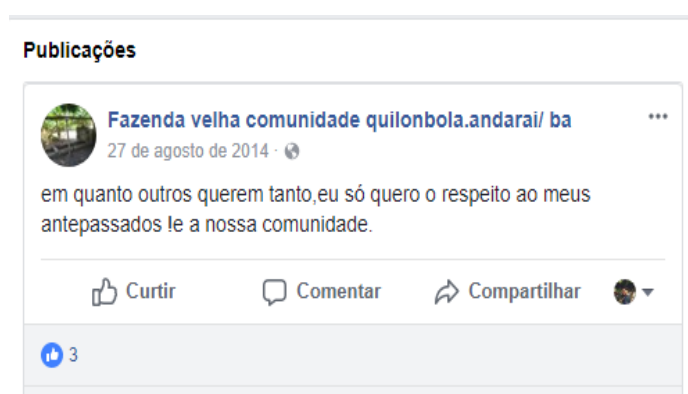


Figura 17. Print Screen da página do Facebook. O pedido de respeito.

Mesmo que exista pouco sobre eles nas redes sociais, o que percebemos é que ali também possui grandes vínculos com o passado. A utilização dessa mídia social, que dar voz a subalternos, é uma tentativa de conexão com os vínculos, cultura e costumes do passado e com

os vínculos interpessoais. Quando falamos nas nossas próprias presenças nas redes sociais, estamos tomando um lugar de fala (RIBEIRO, 2017) e todos nossos rastros são recuperáveis e buscáveis (RECUERO, 2015, p.23) e em consequência disso, ficarão ali, vivos.

Concluimos nossas discussões com a última publicação deixada na página da Fazenda Velha, no Facebook. A discussão da publicação, representada através da figura 17, vai além dos debates sobre conexão, interação e laços presentes nos mundos online e offline, o que pretende, a partir dela, é um pedido de respeito a suas culturas, encantos e encantados da comunidade. Há pouco mais de quatro anos, a comunidade que já tinha começado suas lutas nos ambientes sociais, tentam também iniciar uma luta numa rede, que além de social é virtual. O respeito aos laços sociais offline e o direito de permanecer em suas terras é o que sustenta a constante luta dos moradores em romper-se do *domo*.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Itamar; SENNA, Ronaldo. **Jarê: instalação africana na Chapada Diamantina.** Revista Afro-Ásia, n. 13, p.75-85, 1980.

BAHIA (Estado). Decreto nº 2216, de 14 de janeiro de 1993. **Cria a Área de Proteção Ambiental Marimbus/Iraquara, nos Municípios de Lençóis, Iraquara, Palmeiras e Seabra, e dá outras providências.**

BAHIA (Estado). Resolução nº 1.440 de 20 de junho de 1997. **Aprova o Plano de Manejo e o Zoneamento da Área de Proteção Ambiental de Marimbus-Iraquara.**

BARBERO, Jesús Martín. **Diversidad cultural y convergencia digital.** i/c Revista científica de Información y Comunicación, 2008, 5, pp. 12-25. Disponível em: <https://idus.us.es/xmlui/bitstream/handle/11441/33460/Diversidad%20cultural%20y%20convergencia%20digital.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 02/08/2018

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria/ Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.**

BOLAÑO, César R. S; VIEIRA, Eloy. **Economia política da internet e os sites de redes sociais.** Revista Eptic Online. Vol. 16 n.2 p.75-88, 2014.

BRASIL. **Decreto nº. 4.887**, de 20 de novembro de 2003. **Regulamenta o procedimento para a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.** Brasília, nov, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm. Acesso em: 21/11/2018.

BRASIL. **Decreto nº. 84.017**, de 21 de setembro de 1979. **Aprova o Regulamento dos Parques Nacionais Brasileiros.** Brasília, 21 de setembro de 1979; 158º da Independência e 91º

da República. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/parnaguimaraes/images/stories/legislacao/decreto_federal_1979_84017.pdf. Acesso em: 21/11/2018.

BRASIL. **Decreto nº. 91.655**, de 17 de setembro de 1985. **Cria o Parque Nacional da Chapada**

Diamantina. Brasília, set, 1985. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-91655-17-setembro-1985-441832-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 21/11/2018.

CASTELLS, Manuel, 1942- C344g **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade / Manuel Castells; tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. – Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. **A globalização imaginada** / Néstor Garcia Canclini; tradução Sérgio Molina. - 1. reimp. São Paulo: Iluminuras, 2007.

DANTAS, Marcos. **Economia política da informação e comunicação em tempos de internet**: revisitando a teoria do valor nas redes e no espetáculo. Liinc em Revista, v.8, n.1, Rio de Janeiro, março, 2012.

FALKEMBACH, Elza Maria F. **Diário de campo**: um instrumento de reflexão. In: Contexto e educação. Ijuí, RS Vol. 2, n. 7 (jul./set. 1987), p. 19-24.

FOLETTTO, Leonardo Feltrin. **Midiativismo, mídia alternativa, radical, livre, tática: um inventário de conceitos semelhantes**. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 95-110.

GOLDMAN, Marcio: **Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos**. **Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2003, v. 46 nº 2.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais** / Stuart Hall. Organização Liv Sovik; tradução Adelaide La Guardia Rezende ... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HERSCOVICI, Alain. **Economia Política Da Comunicação: Uma Tentativa De Definição Epistemológica**. Revista Eptic Online. Vol.16 n.3 p.84-98. set.- dez. 2014.

HERSCOVICI, Alain; BOLAÑO, César; MASTRINI, Guillermo. **Economia Política da Comunicação e da Cultura: uma apresentação**. Revista Nueva Sociedad, n.º 140, Caracas, nov/dez/95 e Revista Telos, n.º 47, FUNDESCO, Madrid, set/dez/96.

LEMOS, André; MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. **O plano nacional de banda larga: um estudo de seus limites e efeitos sociais e políticos**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.15, n.1, jan./abr. 2012.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2010.

MOREIRA, Gislene. **Sertões contemporâneos**. Rupturas e continuidades no semiárido/ Gislene Moreira. Salvador: Eduneb; Edufba 2018.

NASCIMENTO, Maria Medrado. **Comunidades nativas e áreas de preservação: tensões entre políticas ambientais e o uso do território no Parque Nacional da Chapada Diamantina** / Maria Medrado Nascimento. – Salvador, 2018.

OLIVEIRA, C.F.S. **Meio Ambiente, Sócio-Espacialidade e Modo De Vida Tradicional Na Comunidade Quilombola Fazenda Velha (Parque Nacional Da Chapada Diamantina/Ba)**. Periódicos UESB, XI colóquio do museu pedagógico. Bahia, 2015.

PRADO, J. L. A.; BAIRON, S. **A invenção do Outro na mídia semanal**. In: Cláudia Lago; Marcia Benetti. (Org.). Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, v., p. 251-278.

QUINTANEIRO, Tania. **Marx, Durkheim e Weber** / Tania Quintaneiro, Maria Ligia de Oliveira Barbosa, Marcia Gardênia de Oliveira. – 2. Ed. Rev. Amp. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet** / Raquel Recuero. - Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura). 191 p.

RECUERO, Raquel. **Análise de redes para mídia social** / Raquel Recuero, Marco Bastos e Gabriela Zago. - Porto Alegre: Sulina, 2015. (Coleção Cibercultura). 182 p.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. Letramento, 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SHIVA, Vandana. **Guerras por Água**. São Paulo: Radical Livros, 2006.

SILVEIRA, S. A. **Inclusão digital, software livre e globalização contra-hegemônica**. In: SILVEIRA, S. A.; CASSINO, J. (org.). **Software Livre e Inclusão Digital**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval: **Pesquisa participante e formação ética do pesquisador na área da saúde**. Revista Ciência e saúde coletiva, 13(2):391-398, 2007.

THOMPSON, P. **A voz do passado – História Oral**. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VENTURA, Paula Patrícia Barbosa. **Relações Interpessoais em Comunidades Virtuais de Aprendizagem**. Informática na Educação: teoria & prática, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 128-139, jan./jun. 2010.

Anexo: Clipping com os links encontrados

1. <https://www.facebook.com/Fazenda-velha-comunidade-quilonbolaandarai-ba-294652907364375/>

2. http://zigzagclassificados.com/imoveis/venda/terrenos-sitios-e-fazendas/sitio-mangueira-na-chapada-diamantina_i411
3. <http://segredosdachapada.com.br/andarai.html>
4. <http://marimbus.com.br/o-pantanal/>
5. <http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/5011/4806>
6. <http://parnachapadadiamantina.blogspot.com.br/2011/08/termos-de-compromisso-com-as.html>
7. <http://www.andarai.ba.gov.br/o-municipio/a-historia>
8. <http://www.guiachapadadiamantina.com.br/projeto-leva-energia-eletrica-a-79-familias-do-parque-nacional-da-chapada-diamantina/>
9. <https://jornaldachapada.com.br/2017/09/27/termo-de-compromisso-e-discutido-com-moradores-da-regiao-do-parque-nacional-da-chapada-diamantina/>
10. https://www.google.com.br/search?q=Fazenda+velha+chapada+diamantina&rlz=1C1VSNE_enBR710BR712&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjP7cyM2_DYAhVDgZAKHRjuBFgQsAQILQ&biw=1366&bih=662#imgrc=_
11. https://odonto.ufg.br/up/133/o/C%C3%B3pia_de_DADOS_REGULARIZA%C3%87%C3%83O_QUILOMBOS_INCRA.xls
12. http://www.cpis.org.br/terras/asp/terras_mapa.aspx?UF=ba&VerTerras=r
13. https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/geografar_tabela_2010_cnrquilombolas.pdf

Sites e contatos dos provedores:

1. ACL Informática: <http://www.aclinfo.net.br/> | (75) 3332-2083 | sac.acl@hotmail.com;
2. Ágil Seabra: <http://www.agilseabra.com.br/> | (75) 3331-1095 | contato@agio.com.br;
3. Conect: (75) 3364-2226 | (75) 3331-1334
4. F1 Telecom: <https://f1telecom-new.webnode.com/> | (75) 99966-0068 | f1telecom@f1telecom.net.br;
5. Hughesnet: <https://www.hughesnet.com.br/>;
6. Ibsol Telecom: <http://ibsoltelecom.com.br/> | 0800 095 2551;
7. Iraquara Net: <http://iraquaranet.blogspot.com/>;
8. Malagueta Net: <https://www.malaguetanet.com.br/>;
9. Oi Velox: <https://www.oi.com.br/>;
10. Sim Iraporanga: <http://www.simiraporanga.com.br/> | (75) 3365-3023 | (75) 99934-0045 | fabio@simiraporanga.com.br;
11. Speedconnect: <https://www.facebook.com/speedconnectme> | (75) 3331-3990;
12. Valland Net: <http://vallandnet.com.br/> | (75) 3344-1120.